



**unifaema**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA**

**CARLOS HENRIQUE BIANCHI OLIVEIRA**

**BARREIRAS ENFRENTADAS PELA POPULAÇÃO TRANS NO ÂMBITO  
FAMILIAR, ESCOLAR E DO TRABALHO EM ARIQUEMES/RO**

**ARIQUEMES - RO  
2023**

**CARLOS HENRIQUE BIANCHI OLIVEIRA**

**BARREIRAS ENFRENTADAS PELA POPULAÇÃO TRANS NO ÂMBITO  
FAMILIAR, ESCOLAR E DO TRABALHO EM ARIQUEMES/RO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Octávio Gonzaga Rodrigues

**ARIQUEMES - RO  
2023**

**FICHA CATALOGRÁFICA (APÓS A BANCA)**

**CARLOS HENRIQUE BIANCHI OLIVEIRA**

**BARREIRAS ENFRENTADAS PELA POPULAÇÃO TRANS NO ÂMBITO  
FAMILIAR, ESCOLAR E DO TRABALHO EM ARIQUEMES/RO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Psicologia do Centro Universitário  
FAEMA – UNIFAEMA como pré-requisito para  
obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Octávio Gonzaga  
Rodrigues

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pedro Octávio Gonzaga Rodrigues  
Centro Universitário FAEMA - UNIFAEMA

---

Prof. Ma. Jessica de Sousa Vale  
Centro Universitário FAEMA - UNIFAEMA

---

Prof. Ma. Yesica Nunez Pumariega  
Centro Universitário FAEMA - UNIFAEMA

**ARIQUEMES – RO  
2023**

*Dedico este trabalho a todas as  
pessoas que de forma direta e indireta  
colaboraram para que fosse possível  
chegar aqui.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar os meus mais sinceros agradecimentos a todas as pessoas e instituições que contribuíram para a realização deste trabalho. Este TCC não teria sido possível sem o apoio e a colaboração de muitos indivíduos e recursos que generosamente compartilharam seu tempo, conhecimento e incentivo.

Em primeiro lugar, desejo expressar meus sinceros agradecimentos a Deus, que me concedeu força, inspiração e sabedoria, guiando meus passos e iluminando meu caminho ao longo desta jornada que resultou na realização desta pesquisa de valor tão significativo para mim.

Agradeço também à minha mãe, que, apesar de não estar mais entre nós, sempre me inspirou com a sua força e determinação, incentivando-me a dedicar-me aos estudos e contribuindo para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Também agradeço à minha irmã Camila, que sempre esteve ao meu lado e me deu dois sobrinhos lindos, que hoje são motivos da minha felicidade diária.

Estendo meus agradecimentos a uma pessoa muito especial, minha prima Jessica, que contribuiu para o meu crescimento e desenvolvimento após a partida da minha mãe, e deu um grande apoio no início da minha jornada acadêmica.

Ao meu orientador. Dr. Pedro Octávio Gonzaga Rodrigues, agradeço sinceramente por sua orientação, paciência e *expertise* oferecidos durante todo o desenvolvimento deste trabalho. Suas orientações foram essenciais para moldar este estudo. Também agradeço a todos os professores e professoras que contribuíram com seus conhecimentos durante toda a minha jornada acadêmica.

Às pessoas que participaram das entrevistas, meu profundo agradecimento por compartilharem suas experiências e perspectivas. Compreendo que muitas vezes não é fácil reviver memórias angustiantes, mas vocês foram incrivelmente corajosas ao fazê-lo. Suas vozes e vivências são essenciais para a compreensão das questões enfrentadas pela população trans no acesso ao mercado de trabalho, e espero que este trabalho possa contribuir de alguma forma para uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Sem a sua disposição em contribuir com suas histórias, este estudo não teria sido completo.

Aos amigos e colegas que forneceram apoio moral, encorajamento e valiosas discussões durante todo o processo, meu sincero agradecimento. Suas palavras de estímulo foram fundamentais para superar os desafios encontrados ao longo do caminho. Deixo aqui um agradecimento especial à minha amiga, Amanda Cristina Mazer Hoffmann, que me apoiou de maneira sem igual durante todo esse processo, estando sempre presente quando precisei e me ajudando no que fosse preciso.

Não poderia deixar de mencionar minha família, que sempre esteve ao meu lado, oferecendo amor, apoio incondicional e compreensão, e em especial às minhas tias Roseli e Maria. Seu apoio foi um alicerce essencial para a minha jornada acadêmica.

Por fim, quero agradecer a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para esta pesquisa, bem como à comunidade acadêmica que se dedica ao estudo das questões relacionadas à diversidade de gênero e aos direitos da população trans.

Este trabalho é dedicado à população trans, cujas lutas e resiliência continuam a inspirar esforços em prol da igualdade e do respeito pelos direitos humanos. Que esta pesquisa possa contribuir, mesmo que modestamente, para a conscientização e a mudança positiva em nossa sociedade.

## ***Inconfortável***

*Inocência  
Desprotege  
Não vê, não percebe  
Descobre-se estranho  
Pelo outro  
E dói  
Ver em outros olhos  
Sua caricatura  
Quem entenderia  
Tamanho loucura  
Acreditar ser  
O que realmente se quer ser  
Não lhe o que está (im)posto  
Pois, se desperta desgosto  
Melhor  
Pois sigo do lado oposto*

***Virgínia Guitzel***

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar as dificuldades enfrentadas pela população trans no âmbito familiar, escolar e no acesso formal ao mercado de trabalho. Para a realização dessa pesquisa, como abordagem metodológica, foi realizado inicialmente um levantamento bibliográfico. Posteriormente foram efetuadas entrevistas semiestruturadas com quatro pessoas que estão passando ou já passaram pelo processo de transição de gênero, selecionadas por meio de formulários *on-line* divulgados em algumas instituições e pessoas da comunidade em geral. O baixo número de participantes é resultado de alguns obstáculos que surgiram ao longo da pesquisa, como a recusa em participar da entrevista ou a dificuldade em agendar um horário para a entrevista por parte dos participantes. Isso pode ser associado ao medo de revelar a identidade, sofrer ataques transfóbicos, além de preocupações com privacidade e segurança. Os dados coletados das entrevistas foram submetidos a análise de conteúdo de Bardin, por meio destas análises, os resultados apontam para a grande vulnerabilidade desta população. A partir dos resultados fica evidente que essa população enfrenta diversos desafios ao longo da vida. Para a apresentação dos resultados, foram separados quatro tópicos principais: família, escola, políticas públicas e mercado de trabalho. 1) a família pode muitas vezes agem de modo a negar a identidade, contribuindo para o adoecimento; 2) a saída prematura das instituições de aprendizagem é influenciada pela transfobia existente nesses locais e a falta de apoio dos familiares; 3) a falta de profissionais capacitados impacta diretamente na efetivação dos direitos e políticas públicas voltadas a essa população; 4) a entrada no mercado de trabalho é marcada pelo preconceito, tanto as entrevistas como o dia a dia para aqueles que já conseguiram uma oportunidade servem de palco para a reprodução de transfobias, que podem afetar o bem-estar psicológico e ocasionar uma série de consequências negativas. Por fim, a luta pela igualdade de gênero é responsabilidade não só do Governo e das empresas, mas sim de toda a população, buscando encerrar o ciclo de violência e estigma que a população trans sofre.

**Palavras-chave:** trans, trabalho, escola, família, políticas públicas, transfobia.

## ABSTRACT

The main objective of this research was to investigate the difficulties faced by the trans population in formally accessing the job market. This population faces several challenges throughout their lives, such as premature leaving educational institutions, lack of family support and lack of public policies. These difficulties often result in informality and prostitution as survival alternatives. To carry out this research, as a methodological approach, a bibliographical survey was initially carried out in the Scielo, Pepsic, Capes, Government Agencies and ANTRA databases. A total of 75 publications were found, only 43 of which were used, 5 of which were international. Subsequently, semi-structured interviews were carried out with four people who are going through or have already gone through the gender transition process, selected through online forms published in some institutions and people in the community in general. The low number of participants is the result of some obstacles that emerged throughout the research. The data collected from the interviews were subjected to Bardin's content analysis. Through the interviews, the results point to a sad reality, faced by the trans population throughout their lives. Through the analysis, four main topics were separated: the family, which plays a crucial role in development, but does not always help in the best way possible; the school that acts as another place for the reproduction of transphobia; existing public policies that suffer from a lack of trained professionals and bureaucracy, making it difficult for people to access services; and finally the job market, the research identified that discrimination in interviews and selection processes, accompanied by prejudice in the workplace, act as a barrier, harming job opportunities and psychological well-being. Finally, fighting for gender equality and responsibility is not only the Government and the companies, but rather the entire population, seeking to enclose the cycle of violence and stigma that the trans population suffers.

**Keywords:** trans, work, school, family, public policies, transphobia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	<b>14</b>
2.1 GERAL .....	14
2.2 ESPECÍFICOS .....	14
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>14</b>
3.1 TRANSGENERIDADE E SUAS NUANCES.....	14
3.2 OS DIREITOS DA POPULAÇÃO TRANS E A ESFERA DO TRABALHO .....	17
3.3 EVASÃO ESCOLAR .....	19
3.4 OS OBSTÁCULOS NA BUSCA DE UM EMPREGO FORMAL.....	20
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>22</b>
4.1 NATUREZA DE ESTUDO .....	22
4.2 LOCAL DE ESTUDO E POPULAÇÃO DE AMOSTRA.....	22
4.3 INSTRUMENTOS E COLETAS DE DADOS .....	22
4.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS .....	25
4.5 ASPECTOS ÉTICOS .....	26
4.6 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	26
4.7 LIMITAÇÕES.....	27
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>27</b>
5.1 CONHECENDO OS PARTICIPANTES.....	27
<b>5.1.1 Kamila</b> .....	<b>27</b>
<b>5.1.2 Gabriel</b> .....	<b>28</b>
<b>5.1.3 Vinicius</b> .....	<b>28</b>
<b>5.1.4 Lilian</b> .....	<b>29</b>
5.2 IMPACTO DA TRANSFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR .....	29
5.3 IMPACTO DA TRANSFOBIA NO AMBIENTE FAMILIAR.....	34
5.4 IMPACTO DA TRANSFOBIA NO MERCADO FORMAL .....	39
5.5 POLÍTICAS PÚBLICAS E A POPULAÇÃO TRANS.....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>

<b>ANEXOS .....</b>	<b>57</b>
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO.....	57
ANEXO B – FORMULÁRIO INSTITUIÇÕES .....	60
ANEXO C – PERGUNTAS ENTREVISTAS .....	61

## 1 INTRODUÇÃO

Ser trans tem seus desafios, e não são poucos, o primeiro deles é descobrir-se e reconhecer a si próprio como alguém pertencente a outro gênero, e depois, ter a coragem de dizer isso ao mundo, mesmo com tantas adversidades (Jesus, 2012).

Segundo a revista *Scientific Reports* (2021), uma pesquisa realizada consta que cerca de 2% da população brasileira, aproximadamente 3 milhões de pessoas, se identificam como transgênero ou não-binária, sendo 0,69% referente a população trans e 1,19% aos não binários.

Considerando o alto número de pessoas trans, não só no Brasil, mas no mundo, podemos citar dois projetos. O *Transrespeito vs Transfobia (TvT)*, que realiza uma pesquisa quantitativa-qualitativa, com o objetivo de fornecer uma ampla visão da situação de direitos humanos de pessoas transgêneros em diversas partes do mundo. E a *Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)*, que promove campanhas e ações com o objetivo de dar visibilidade a população trans.

De acordo com o projeto *TvT* (2021), dados decorrentes de um levantamento feito entre 1º de outubro de 2020 e 30 de setembro de 2021, mostra o Brasil liderando o ranking de países que mais mata pessoas transexuais no mundo. Conforme a revista *Estadão* (2021), o Brasil também lidera o ranking como país que mais consome pornografia trans, produzindo uma contradição importante para a reflexão da psicologia.

De acordo com o *Dossiê de Assassinatos e Violências Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2022*, elaborado pela ANTRA (2023) em 2022 foram registradas 131 assassinatos de pessoas trans, e assim como seu antecessor, o Brasil continua liderando pelo 14º ano consecutivo o ranking de Países que mais mata pessoas transexuais no mundo. De acordo com *Pornhub* (2023), um site de conteúdo adulto, em 2022 a categoria de vídeos descritas como “transgênero” foi a mais vista no Brasil.

Esses dados indicam um grave problema social de preconceito e de violência de gênero no Brasil. Apesar da transfobia ter se tornando crime em 2019, trata-se ainda de um grave problema enfrentado por essas pessoas. Como fala Kaffer *et al.* (2016), as barreiras e preconceitos enfrentados pela população trans começam desde

cedo com a família e se estende até a vida adulta com as dificuldades para se ingressar no mercado de trabalho.

De acordo com Benevides e Nogueira, (2021, *apud* Benevides 2022), 90% da população trans tem como principal fonte de renda a prostituição. Benevides (2022), nos fala que as diversas exclusões somadas à falta de estudos é o que faz com que o trabalho sexual seja buscado pela maioria.

Almeida e Vasconcellos (2018), realizaram uma entrevista com algumas entidades que representam os interesses da população trans, e através dessa entrevista, cinco pontos se destacaram como sendo os principais quando falamos nas dificuldades enfrentadas para se arranjar um emprego, são elas: o preconceito e a transfobia, a dificuldade com a documentação, baixa escolaridade, o uso de banheiros e vestimentas e, por último, a linguagem corporal e verbal.

Essa pesquisa tem como objetivo entender quais são as barreiras existentes e enfrentadas pela população transgênero no que tange ao desenvolvimento no meio familiar, escolar e no mercado de trabalho formal em Ariquemes. Considerando que todos os problemas são decorrentes da transfobia que existe, como a dificuldade para se manter nas Instituições de ensino em decorrência do alto nível de preconceito existente, complicações no momento de utilizar o banheiro, que por sua vez, contribuem na manutenção de um ambiente hostil e excludente.

Para a realização dessa pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes escolhidos, a fim de investigar quais as problemáticas principais, em relação a família, a escola e se tem ou já teve experiências no mercado de trabalho e como isso marcou, seja de forma positiva ou negativa, entendendo o caminho percorrido pelo entrevistado, e como isso influenciou sua vida

Após a realização das entrevistas, o método escolhido para a tabulação dos dados será a análise de conteúdo, desenvolvida por Bardin por volta de 1977, cujo objetivo é fazer uma análise sistemática dos dados obtidos, transcrevendo-os, separando e categorizando-os em grupos que facilitem sua interpretação e compreensão mais ampla do fenômeno.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 GERAL

- Identificar as dificuldades encontradas pela população trans de Ariquemes no meio familiar, escolar e na busca e permanência de um emprego;

### 2.2 ESPECÍFICOS

- Caracterizar o que faz com que uma pessoa seja trans e diferenças existentes dentro da terminologia transgênero;
- Explicitar quais fatores ocasionam a instabilidade no trabalho e a dificuldade da contratação;
- A importância da família e da escola no combate a transfobia
- Discorrer sobre as políticas públicas voltadas a essa população;

## 3 REVISÃO DE LITERATURA

### 3.1 TRANSGENERIDADE E SUAS NUANCES

Ao falar sobre as dificuldades enfrentadas pela população trans, é preciso entender o que são pessoas trans, e diferenciá-las de termos que são frequentemente confundidos por outros. Transgênero é um termo guarda-chuva, ou seja, ele engloba diversas outras identidades de gênero, como, por exemplo: transexuais, travestis, não-binários e apesar de não serem pessoas trans, a comunidade de *drag queens* são costumeiramente associadas ao movimento. Além disso, se faz necessário, distinguir identidade de gênero e sexualidade.

Pessoas transgêneros são aquelas que não se encaixam nos estereótipos normativos de gênero, identificando-se com o sexo que não é aquele atribuído no nascimento, não necessariamente se identificando com o oposto. A pessoa pode ter nascido homem e se identificar como mulher, assim como também não se identificar com nenhum sexo, ser alguém não-binário, ou seja, não se identificar com nenhum dos gêneros “comuns”, masculino e feminino (Hafford-Letchfield, 2019).

Pessoas transexuais, já são transgênero, pois também não se identificam com o sexo atribuído no nascimento. Para diferenciar um termo para o outro, a pessoa que se vê como transexual tende a utilizar métodos para se adequar ao gênero escolhido, seja por terapia hormonal, modificações nas vestimentas e até cirurgia de

redesignação sexual. Assim, homem trans é aquele que nasceu mulher e se identifica como homem e mulher trans é aquela que nasceu homem se identifica como mulher (Zakaria; Halim; Suhor; 2019).

Quando se autodenominam travestis, significa que nasceram com o sexo biológico masculino, no entanto, sua identidade de gênero é feminina. Mulheres travestis, ao contrário das mulheres trans., não se preocupam com a dualidade do sexo e da expressão, e nem sentem a necessidade de fazer modificações físicas no corpo para se encaixar no sexo, não sentindo desconforto com o de nascimento e muitas vezes utilizado acessórios ou vestimentas que mostram dualidade (São Paulo-Estado, 2020).

Envolto no tema da travestilidade, existe um peso cultural e histórico, ser trans muitas vezes está associado a luta. Martins e Silva (2020) falam que ao contrário das mulheres transexuais, as travestis costumam ser vistas de forma mais estereotipada, pois segundo ele, existe uma diferença na forma que a sociedade as vê. Relata que enquanto as mulheres transexuais têm mais chances de conseguir a troca de nome, as travestis continuam muito associadas ao trabalho sexual.

Como citado anteriormente, ser alguém não-binário é ser alguém que não se identifica com a binaridade do gênero, ou seja, masculino e feminino, e por sua vez, adotam uma identidade neutra frente aos padrões existentes, desconstruindo-os e adotando uma linguagem pronominal neutra, assim como, uma aparência que não se enquadra nos padrões tradicionais de gênero. Em sua pesquisa, Costa (2020) descreve pessoas não-binárias como aquelas que se encontram em uma zona neutra, não assumem nem uma posição masculina como também feminina, no entanto, apesar disso, ainda desejam ter representatividade na comunidade entre os gêneros.

Ao falarmos da comunidade de *drag queens*, notamos uma grande confusão das pessoas ao acreditarem que todas as drag queen é transexual por vestirem-se de mulher. Analisemos o trecho a seguir: “Como as *drag queens* invertem sua aparência de gênero, as pessoas assumem que as *drag queens* querem ser mulheres porque

apresentam uma identidade de gênero feminina completa. (Greaf, 2016, tradução nossa).<sup>1</sup>

No *reality show RuPaul's Drag Race*, é destacado a comunidade assim como sua rica expressão artística, além de nos mostrar as diversas identidades de gênero presente na comunidade. Apesar de muitos pensarem que drag queens são transexuais, o programa mostra que essa não é de fato uma verdade absoluta. E no decorrer das temporadas podemos ver drags queens que se identificam como transexuais, assim como também e majoritariamente aquelas que se identificam como cisgênero.

Perpassado através da denominação trans, agora chegamos a outra caracterização, a diferença existente entre identidade de gênero e sexualidade. Muitos são os desentendimentos acerca da temática, causando confusão, por exemplo, quando uma pessoa que nasceu com a genitália masculina que se identifica como mulher, sente atração por homens, ela é hétero e não gay.

Para elucidar o que foi dito acima, determinaremos o que é identidade de gênero e orientação sexual. De acordo com Jesus (2012), identidade de gênero é a forma na qual você se identifica, seja ela aquela determinada no seu nascimento pela genitália, configurando uma pessoa cisgênero, seja aquela divergente do nascimento, sendo assim alguém trans.

A orientação sexual está ligada a atração pelo outro, seja ela romântica ou sexual. Existem algumas opções na orientação sexual, no entanto, podemos definir 3 mais comuns que são: heterossexual, homossexual e bissexual.

Miguel, Dalpizzoi E Demarco (2017), define a heterossexualidade como a atração física ou romântica por alguém do sexo oposto. Já a homossexualidade é caracterizada pela atração por pessoas do mesmo sexo e aqueles que se denominam bissexuais, sentem atração por mais de um gênero, normalmente sendo homem e mulher.

---

<sup>1</sup> “Because drag queens reverse their gender role appearance, people assume drag queens want to be women because they present a complete female gender identity.”

Para entendermos quais principais dificuldades vivenciadas pela população trans, é importante entender que existem diferenças que precisam ser respeitadas e compreendidas, identidade de gênero e sexualidade são coisas distintas, e não devem ser usadas de forma equivocada. Portanto, é importante ter em mente que, ao tentar incluir indivíduos transgênero, é fundamental respeitar suas escolhas e reconhecer suas particularidades, garantindo assim o respeito e a dignidade que todas as pessoas merecem.

### 3.2 OS DIREITOS DA POPULAÇÃO TRANS E A ESFERA DO TRABALHO

A população trans do Brasil é a que mais morre no mundo, e isso está relacionado diretamente à transfobia e a como essa visão sobre o outro impossibilitou que aqueles que possuem o poder de fazer mudanças fechassem os olhos para essas causas sociais. Assim, a população trans começou a ganhar leis que garantissem direitos básicos como família, respeito e dignidade, estando essas conquistas atreladas não somente ao movimento trans, mas também, a toda a comunidade LGBTQIA+.

Britto e Carvalho (2021) apontam que em 2015 a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), deixou algumas recomendações de combate à violência e discriminação ao poder legislativo e executivo, para poderem ser realizadas, envolvendo a população LGBT+, dessa forma, englobando também a população trans.

Nas recomendações do poder executivo, Brito e Carvalho (2021) apontam 5 que são: políticas públicas para garantir o fim da violência e que tenha a participação de pessoas LGBT+; condenar qualquer forma de preconceito e promover falas em defesa deles; assumir iniciativas que visem o debate da causa e resposta a violência., promover campanhas visando acabar com o preconceito existente, fornecendo conhecimento; por fim, além de criar medidas que ajudem essa população, fornecer subsídios suficientes para que esses programas não sejam descontinuados por falta de verba.

Quando passamos para as medidas recomendadas ao Poder Legislativo, Brito e Carvalho (2021), apontam 3 como centrais, são eles: conceber leis que atuem contra o ódio a fim de julgar e criminalizar aqueles que pratiquem atos de preconceito por

gênero ou sexualidade; adotar punição para aqueles que preguem discursos de ódio; por último, ter medidas inclusivas, visando a permanência delas em ambiente que sejam comuns a todos.

O relatório da CIDH foi publicado em 2015, e dentro das recomendações feitas por eles, 7 anos depois podemos apontar algumas medidas tomadas em relação ao que foi dito, como a inclusão de pessoas trans na Lei Maria da Penha e a criminalização da transfobia, na qual, é aplicada a mesma pena do crime de racismo.

Gastão (2020), mostra que somente em 1997 as pessoas trans conseguiram, através da a resolução n.º 1.482/97 emitida pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), a possibilidade de fazer cirurgia de adequação da genitália ou redesignação de forma segura e somente em 2008 o Ministério da Saúde por meio da portaria n.º 1.707/2008, agregou ao Sistema Único de Saúde (SUS), os procedimentos de readequação sexual para pessoas trans.

Conforme o Senado Federal (2017), em 2017 mais um direito é conquistado, o Estado através do Projeto de Lei do Senado n.º 191/2017, faz uma alteração na Lei Maria da Penha, que passa a englobar as mulheres trans, afirmando assim sua identidade e o reconhecimento das mesmas como mulheres que merecem ser protegidas.

Tavares e Sousa (2022), contam que em 2019 foi aprovado o Projeto de Lei n.º 672, de 2019, que passou a criminalizar a transfobia e a homofobia, da mesma forma que o racismo. O projeto surgiu devido ao fato de o Supremo Tribunal Federal (STF), considerar que o Congresso Nacional, aqueles que criam as leis, estavam de alguma forma desconsiderando esses problemas e negligenciando todo o cuidado que essa população merece, postergando a criação de uma lei que os amparasse.

Diante da triste realidade de violência e exclusão enfrentada pela população trans no Brasil, é essencial serem adotadas medidas efetivas para garantir seus direitos básicos e sua inclusão na sociedade. A luta dessas pessoas não é apenas pelo respeito à sua identidade de gênero, mas também pelo direito à vida, à saúde e à dignidade.

As recomendações da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) e as leis aprovadas nos últimos anos representam importantes avanços, mas ainda há muito a ser feito para garantir que a população trans possa viver com segurança e igualdade de oportunidades. É fundamental que o Estado e a sociedade na totalidade assumam a responsabilidade de combater a transfobia e de promover a inclusão e o respeito a todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual.

### 3.3 EVASÃO ESCOLAR

De acordo com Amorim (2018), a escola, um ambiente que não deve promover discriminações, não acompanha alguns questionamentos feitos na sociedade, em especial, quando se trata de discutir o gênero. A falta de conhecimentos acerca dessa temática nas escolas, tanto de alunos como também dos profissionais, faz com que padrões de comportamentos estigmatizados continuem perpetuando um ciclo de preconceito e transfobia.

Bento (2011) nos traz uma reflexão sobre o gênero na sociedade, ela fala que antes de nascermos, nosso corpo já está inscrito naquilo que se espera dele. Discutir sobre o gênero, seja masculino ou feminino, além de gerar expectativas, criam suposições a respeito de quem e como aquela pessoa será. Ela conta que essa pedagogia dos gêneros, nada mais é que uma forma de conservar a vida na heterossexualidade normativa.

Para Farias (2021), a educação brasileira é formatada em um padrão cis normativo, fazendo com que a Educação que deveria ser inclusiva e de fácil acesso a todos acaba não sendo. Em especial, excluindo aqueles vistos socialmente como diferentes.

Bento (2008), destaca que as violências sofridas pela população trans são muitas e que talvez a patologização seja a mais cruel, pois, mantêm o pensamento de que são pessoas inferiores e menos merecedoras, mantendo um ciclo de exclusão e preconceito.

Amorim (2012), conta que quando na escola, como consequência da transfobia existente, nem as necessidades básicas daqueles que se denominam como pessoas

trans são atendidas. Um exemplo que temos é em relação ao uso do banheiro, devido ao fato de haver um funcionamento difundido e esperado quanto ao uso deles, o acesso para pessoas trans acabam sendo dificultados.

Em suma, os autores citados destacam a importância de se discutir gênero nas escolas e como a falta de conhecimento acerca dessa temática pode perpetuar padrões de comportamentos estigmatizados e contribuir para a exclusão e violência sofrida pela população trans. Além disso, existe uma reflexão sobre como a educação brasileira ainda é formatada em um padrão cisnormativo, excluindo aqueles vistos socialmente como diferentes. Portanto, é fundamental que as escolas promovam uma educação inclusiva e livre de discriminações, que atenda às necessidades de todos os estudantes, independentemente de sua identidade de gênero.

### 3.4 OS OBSTÁCULOS NA BUSCA DE UM EMPREGO FORMAL

De acordo com Silva (2021), o trabalho evoluiu de uma época marcada por sofrimento, como na época da escravidão, para se tornar um símbolo de realização pessoal, capaz de conferir dignidade e caráter às pessoas. No entanto, durante esse processo de redefinição do significado do trabalho, certas parcelas da sociedade, tais como negros, mulheres e pessoas LGBTQIA+, foram negligenciadas e excluídas do mercado formal de trabalho.

Uma pesquisa realizada por Benevides e Nogueira (2021, *apud* Silva, 2021), na qual participaram 2.535 pessoas, 85% dos entrevistados acreditam que homens trans possuem mais chances de serem aceitos em um emprego formal quando comparado como uma mulher trans. Finaliza dizendo que apesar de existir um enorme preconceito com a população trans, em geral, ele é ainda maior quando se trata das mulheres, pois, além de lidarem com a transfobia, precisam também lidar com o machismo.

De acordo com Silva (2021), a transfobia é sentida desde cedo, em casa e nas escolas, o que contribui para a evasão escolar e, conseqüentemente, para a falta de profissionalização das pessoas trans, tornando mais difícil para elas conseguirem emprego. Silva ainda argumenta que as aspirações dessas pessoas são frequentemente desconsideradas, uma vez que elas muitas vezes não tiveram acesso ao conhecimento necessário devido às barreiras enfrentadas na escola.

Em uma pesquisa realizada por Almeida e Vasconcellos (2018), o preconceito e transfobia é tido como um dos maiores obstáculos na obtenção de um emprego, isso porque as mulheres não são vistas de fato como mulheres, acontecendo o mesmo com os homens, além disso, complementa falando sobre como é comum que eles sejam associados a drogas, prostituição e violência, dessa forma, encontrando cada vez mais obstáculos para permanecer no mercado de trabalho.

Almeida e Vasconcellos (2018) também relatam sobre a problemática do uso do banheiro e vestimenta, conta que enquanto os homens são obrigados a usar o banheiro e uniforme femininos, as mulheres precisam utilizar os masculinos, em uma clara tentativa de negar a identidade de gênero dessas pessoas. E esse acaba sendo um dos motivos das pessoas trans não permanecerem no emprego.

Apesar de ainda haver um grande descaso sobre os direitos da população trans, e a inclusão delas no mercado de trabalho, algumas mudanças vem acontecendo em empresas privadas. De acordo com Silva (2021), uma pesquisa realizada mostra que aquelas empresas que investem em uma maior diversidade de cultura, etnia e gêneros acabam tendo um desempenho melhor, podendo o lucro aumentar em até 36%.

Moura e Lopes (2016), falam que muitas empresas, na busca por melhores resultados, estão investindo na diversidade, pois, creem que um grupo de funcionários mais composto tem mais chances de obter resultados satisfatórios. Essa forma de liderança tem crescido cada vez mais, as empresas mais modernas, estão começando a dar mais notoriedade as chamadas “minorias”, preocupando-se não somente com o mercado em si, mas também em demonstrar responsabilidade social.

Diante do exposto, podemos concluir que a inclusão da população trans no mercado de trabalho é um tema relevante e que merece atenção. Apesar dos avanços alcançados, ainda há muitas barreiras a serem superadas, tais como o preconceito, a falta de oportunidades e a discriminação no ambiente de trabalho. É preciso que as empresas se comprometam em promover a diversidade e a inclusão, a fim de garantir um ambiente mais justo e igualitário para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Além disso, é fundamental que a

sociedade toda compreenda a importância da valorização da diversidade e do respeito às diferenças para o desenvolvimento de uma sociedade mais equânime e inclusiva.

## **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **4.1 NATUREZA DE ESTUDO**

Esta é uma pesquisa de campo, que de acordo com Marconi e Lakatos (2002), é utilizada para obter dados de um problema no qual se busca uma resposta, mas também de hipótese na qual se queira provar e desvendar novas relações e fenômenos entre os acontecimentos.

Nesse sentido, desenvolveu-se essa pesquisa de modo a encontrar uma resposta para um problema tão atual. O município carece de ações voltadas a inclusão de pessoas trans na sociedade, assim, essa pesquisa pode auxiliar no desenvolvimento de políticas para a população e serve como um pontapé inicial para pesquisas que tratem de questões da população LGBTQ+, como a respeito de orientação sexual e/ou estudo de gêneros.

### **4.2 LOCAL DE ESTUDO E POPULAÇÃO DE AMOSTRA**

O local escolhida para a realização da pesquisa foi a cidade de Ariquemes, situada no Estado de Rondônia, que fica na região Norte do País, que conta com uma população de 96.833 pessoas, conforme o censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A pesquisa era voltada a toda população trans da cidade, que tivesse interesse em participar e atendesse aos critérios de inclusão. As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas em um Instituição parceira dessa pesquisa, que cedeu um espaço para que pudesse acontecer.

### **4.3 INSTRUMENTOS E COLETAS DE DADOS**

Como instrumento para selecionar a população alvo do estudo foi realizado a aplicação de um formulário online. O objetivo foi selecionar pessoas que preenchessem os critérios necessários para participar do estudo. Esse formulário contou duas versões. A versão 1., foi elaborado por uma das Instituições colaboradoras e contou com diversas questões que não se relacionavam com a

pesquisa, tendo obrigatoriamente que constar somente o nome e identidade de gênero das pessoas, essa medida foi tomada a fim de garantir o sigilo, contatando somente aquelas pessoas que se identificarem como transgênero. Posteriormente, aqueles que preencheram os critérios de inclusão foram contatos pela Instituição, para falar sobre a pesquisa e verificar o interesse em participar.

A versão 2., do formulário teve seu acesso por meio de um QR code que foi colocado em mais três Instituições colaboradoras. O Conteúdo desse formulário foi um convite à participação na pesquisa, as perguntas nesse convite foram: o gênero na qual se identifica, o contato e o interesse em participar da pesquisa.

Os formulários que ficaram disponíveis nas três Instituições para acesso por meio do QR code não foram limitados aos estudantes, mas ao público em geral da comunidade, como os trabalhadores, colegas e frequentadores desses locais, que de alguma forma possam acessar o link.

É importante destacar que, após uma busca, constatou-se que a cidade de Ariquemes não conta com uma casa de apoio ou acolhimento para a população LGBTQIA+. Portanto, a melhor forma de recrutar participantes para a pesquisa é através da distribuição de QR codes em pontos estratégicos, de modo que, fiquem à disposição de toda a comunidade

Para a realização das entrevistas, foram contactados apenas aqueles que atenderam aos critérios de inclusão e demonstraram interesse em participar. No primeiro contato, por meio de mensagens, foi explicado de maneira geral o objetivo da pesquisa e combinado o local para a realização da entrevista.

Já para a realização da coleta de dados, Marconi e Lakatos (2002) definem três fases para a realização de uma pesquisa de campo. A primeira fase é a realização de uma pesquisa de caráter bibliográfico sobre a temática a ser estudada, que serve como uma base para entender como o tema está sendo tratado atualmente e qual rumo seguir na pesquisa. A segunda fase refere-se à determinação das técnicas que serão utilizadas para a realização da pesquisa. Já a terceira fase, antes de coletar os dados da pesquisa, deve-se definir quais técnicas serão utilizadas para efetuar os registros dos dados obtidos e de que forma eles serão analisados.

Para a realização da primeira fase, o levantamento de material bibliográfico, foram utilizados artigos provenientes das bases de dados Scielo, Pepsic, periódicos da capes, Órgãos Governamentais e da ANTRA. Foram achados um total de 75 publicações, sendo utilizados apenas 43, sendo 5 delas internacionais. Os descritores foram: trans, escola, trabalho, família, políticas públicas e transfobia.

Os critérios de inclusão foram artigos entre o período de 2018 a 2023 e/ou que representassem conceitos fundamentais, e artigos que tivessem relevância direta com o objeto de pesquisa. Foram excluídos artigos anteriores ao ano de 2018 e que não contribuíram de maneira substancial para a pesquisa. As pesquisas selecionadas anteriores ao ano de 2018 foram escolhidas com o objetivo de mostrar relações ao longo dos anos e como se transformou. O objetivo foi construir uma base sólida de informações que embasasse a problemática da empregabilidade de pessoas trans.

Para o desenvolvimento da segunda fase, foram realizadas entrevistas semiestruturadas que, de acordo com Minayo e Costa (2015), é uma maneira mais aberta de conduzir uma entrevista. Essa técnica consiste na elaboração prévia de perguntas referente ao tema da pesquisa, no entanto, o entrevistador não se limita a elas. Assim, quando necessário, o pesquisador pode fazer novas perguntas que julgar relevantes para o propósito da pesquisa.

As entrevistas foram divididas em cinco grupos temáticos: escola, família, trabalho, políticas públicas e outra mais geral. Essa abordagem de divisão facilitou a condução das entrevistas, atuando como um facilitador na construção das narrativas dos entrevistados. Isso permitiu que compartilhassem suas experiências de vida, destacando suas vivências no ambiente de trabalho, e explorando como os eventos ocorridos em sua trajetória de vida tiveram impactos tanto positivos quanto negativos em suas oportunidades profissionais.

O objetivo central das entrevistas foi escutar, diretamente das pessoas que vivem isso todos os dias, como é lutar diariamente para conseguir um espaço que não deveria estar sendo negado, e como é estar constantemente lutando pelos próprios direitos. Ao dar voz para esses indivíduos para que pudessem compartilhar suas experiências, tornou-se possível compreender com mais profundidade os problemas da empregabilidade trans.

A respeito das entrevistas, ao todo foram realizadas quatro entrevistas, distribuídas igualmente entre duas mulheres trans e duas com homens trans. Apesar de serem gêneros distintos, suas trajetórias de vida são igualmente marcadas pela transfobia.

Ao início de cada entrevista foi explicado o objetivo da pesquisa, realizado os esclarecimentos de dúvidas que surgiram, foram informados que as perguntas seriam pessoais e que poderiam causar desconforto, e caso necessário poderiam ir ao Instituto Unifaema, que realiza plantão psicológico, para apoio se necessário, também foram informados que as entrevistas seriam gravadas e por fim foram apresentando ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para autorizar a sua participação no estudo. Cada participante foi entrevistado uma única vez, com uma média de duração de uma hora por entrevista.

Para a realização da análise dos dados, foi utilizado o método de análise de conteúdo de Bardin, que será explicado no tópico seguinte.

#### 4.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Para a realização da terceira fase da pesquisa, a análise de dados, o método a ser utilizado foi a Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016). A análise de conteúdo é caracterizada como um conjunto de técnicas sistematizadas cujo objetivo é fazer uma análise das comunicações, sejam elas quantitativas ou não, além de permitir inferências sobre tais mensagens recebidas. Uma análise sistemática dos dados e a separação dos mesmos em categorias de análise permitem uma compreensão profunda da realidade estudada.

As entrevistas realizadas foram gravadas e posteriormente transcritas. O conteúdo foi organizado e separado em quatro categorias principais: a experiência durante o período escolar, as dinâmicas familiares, questões relacionadas a empregabilidade e, por fim, a interação com as políticas públicas.

As categorias de análise se basearam nas divisões realizadas na própria estrutura das entrevistas, sendo esses, também, os tópicos mais discutidos e trabalhados durante as entrevistas.

A escolha dos tópicos se deu devido ao fato de muitas empresas terem como critérios de contratação o ensino médio completo, e devido a transfobia existente no espaço escolar, muitas pessoas acabam não concluindo os estudos. Já a família muitas vezes age como um obstáculo no sentido que a falta de apoio pode colaborar para a saída prematura da escola, assim como ocasionar e fugas de casa. Por fim, a categoria trabalho foi escolhida, pois é o foco da pesquisa e as políticas públicas para entender como foi a interação com o governo quando necessitaram de ajuda.

#### 4.5 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa em questão, foi submetido e aprovado perante o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário FAEMA –UNIFAEMA, e seu parecer consubstanciado do CEP foi tido através do número 6.087.965

Esse trabalho segue as determinações da Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional da Saúde, que garante os direitos dos participantes e define os deveres dos pesquisadores, respeitando a ética e dignidade dos participantes.

Os participantes foram informados sobre os possíveis riscos que são de origem psicológica. Durante a entrevista, o participante pode sentir cansaço, constrangimento ou desconforto. As perguntas podem desencadear lembranças e reflexões sobre a vida, sexualidade, família e trabalho. Diante disso, foram informando sobre o plantão psicológico.

#### 4.6 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os participantes que compõem essa pesquisa foram selecionados com base em critérios específicos. Os participantes foram escolhidos com idades entre 14 e 50 anos, que se identificavam como pessoas transexuais ou travestis e que estavam em processo de transição de gênero, tendo adotada uma nova identidade condizente com sua vivência de gênero. Além disso, os participantes deveriam residir na cidade de Ariquemes, para assim contribuir no levantamento de dados e representatividade da população local.

Em contrapartida, a fim de garantir coesão, pertinência e consistência dos dados coletados, foram excluídos os indivíduos que não se encaixaram nos critérios

acima mencionados. Ou seja, aqueles que não se enquadravam na faixa etária de 14 a 50 anos, bem como aquelas que se identificam com cisgênero. Além disso, foram excluídos os participantes que não residiam na cidade de Ariquemes. Esses critérios foram estabelecidos com o intuito de manter o foco da pesquisa na população da cidade de Ariquemes.

#### 4.7 LIMITAÇÕES

Alguns desafios foram encontrados no processo de recrutamento de pessoas para participarem da pesquisa. Embora inicialmente algumas pessoas estivessem demonstrando interesse em participar, as tentativas de agendar as entrevistas foram frustrantes, seja frequentemente tendo restrições quanto ao horário ou não respondendo a mensagens. Além disso, houve o caso de recusa a participar da pesquisa, possivelmente devido a preocupações relacionadas à privacidade e ao medo. Esses desafios específicos resultaram em um impacto direto na limitação da extensão de participantes para a entrevista, resultando em um total de 4 pessoas para a entrevista, mas que puderam fornecer resultados significativos.

### 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 5.1 CONHECENDO OS PARTICIPANTES

Esta seção se dedica à apresentação dos participantes, de modo que, no decorrer da leitura, o leitor tenha uma maior compreensão no contexto e nas vozes que estão presentes.

A fim de manter o sigilo dos participantes nessa pesquisa, os nomes foram alterados para proteger suas identidades e preservar sua privacidade. Cada pessoa aqui entrevistada recebeu um pseudônimo que não corresponde com a sua real identidade, assegurando assim a confidencialidade de suas histórias e trajetórias.

##### 5.1.1 Kamila

Kamila tem 26 anos, relata ter começado a sua transição um pouco antes de pandemia, em 2019. Atualmente mora com o irmão e a esposa dele, mas no passado já morou também com a mãe e a avó. De acordo com ela, depois de sua transição ficou mais próxima da mãe, e sua família no geral aceitou tranquilamente, no entanto, o mesmo não aconteceu com o irmão. Tendo trabalho somente antes da transição,

encontra dificuldades em encontrar emprego após ter iniciado, estando desempregada atualmente.

Quando questionada sobre como foi o processo de descobrir que não se identificava com o gênero biológico, ela relata o seguinte:

*Natural, não foi uma coisa, porque eu, quando era criança, eu já implorava aos céus para ser uma garota, eu não queria ser um garoto, não me via, tanto como quanto eu pensava em mim no futuro, nunca pensava em um homem, nunca pensava em mim sendo um cara. Isso não entrava na minha cabeça de jeito nenhum. (Kamila)*

### **5.1.2 Gabriel**

Gabriel tem 20 anos, não faz uso de hormônios, mas pretende futuramente, cortou o cabelo aos 16 anos, momento em que tomou iniciativa de viver no masculino. Foi criado por um tio e uma tia, morando com eles e mais um primo até o momento que decidiu morar sozinho com 18 anos. Contou ter tido uma aceitação razoável por parte dos parentes, mas devido ao fato de já serem idosos, a situação era mais complicada. Por volta dos 14 anos trabalhou lavando carro, atualmente trabalha para a prefeitura como estagiário e durante a noite como garçom na modalidade CLT.

Gabriel conta que quando criança, ganhou uma bola que teve muito significado em sua autodescoberta:

*Quando eu vim para o mundo e observei como é viver (...) e vi como eu vim, desde criança eu já observava que não aquilo que eu queria, não era aquela forma que eu queria viver, não era aquela forma, desde os meus 4 anos (...) por que foi a primeira vez que eu tive contato com um objeto masculino de realmente (...) e a partir desse idade que eu ganhei o primeiro objeto que foi uma bola de futebol, e ai sim partiu para (...) uma vivência (...) com que eu era realmente. (Gabriel)*

### **5.1.3 Vinicius**

Vinicius tem 19 anos, começou sua transição no período escolar, apesar de já ter tentado iniciar o tratamento hormonal pela rede pública, não obteve sucesso, sempre encontrando dificuldades no caminho. Quando mais novo morava com os pais e o irmão, mas recentemente passou a morar com os avós. Em relação ao trabalho, já realizou alguns serviços domésticos informais para familiares e conhecidos, atualmente busca um emprego formal, mas ainda não conseguiu.

Em um breve relato, Gabriel conta sobre o momento em que se descobriu como um homem trans:

*Foi quando eu realmente estava ali pesquisando, quando eu fui ver uma lista, por exemplo, pesquisei no Google mesmo (...) não sabia como pesquisar nem nada. Aí como descobri que você é trans? Basicamente, (...) e aí apareceu ali muitos, muitos sentimentos que vocês poderia ter durante a sua vida. Que (...) poderia, né? Tipo. É você ser uma pessoa trans e aí eu fui lendo, fui lendo, fui lendo, eu basicamente tudo o que estava ali. Aí eu pensei, é, acho que eu realmente sou uma pessoa trans. (Vinicius)*

Vale ressaltar que Vinicius não descobriu sua identidade trans simplesmente porque pesquisou no Google, a ferramenta somente o ajudou a dar um nome para algo que já sentia e experienciava, mas não era capaz de nomear o entender naquele momento. A internet não criou sua identidade, apenas fez com que ele compreendesse melhor a sua verdadeira individualidade.

#### **5.1.4 Lilian**

Lilian tem 36 anos, apesar de ter sido sempre feminina desde a infância, diz ter começado a transição aos 15, momento em que começou a deixar o cabelo e as unhas crescer e a mudar as roupas. Já a terapia hormonal começou ainda menor de idade, por volta dos 17 anos e conseguiu fazer a cirurgia de redesignação sexual pelo Estado em 2022. Foi criada pela mãe e avós, mas sempre teve ajuda de toda a família. Em relação ao trabalho, ela tem uma longa carreira, já trabalhou com maquiagens e estética, em clínicas dando aulas e atendendo, já foi vendedora, gerente e coordenou campanhas, mas atualmente não está trabalhando.

Em um trecho de sua história, ela relata o momento na qual encontrou seu lugar no mundo:

*Em 2001 eu fazendo uma pesquisa na biblioteca municipal de Ariquemes, (...) eu abri uma revista antiga, eu acho que não era a manchete, era uma revista antiga, aquelas dos anos 80 e tinha a história de uma mulher trans na Alemanha que ela era redesignada e ela era a mulher trans sem passabilidade, era um homem loiro que ainda tava em transição, mas tinha operado e vivia com uma mulher e ela se barbeava e tal, além daquela matéria, eu entendi que lugar do mundo que cabia a mim, que eu fui entender pela primeira vez, que eu fui falar em transexualidade, que era possível se tornar uma mulher, e ali parece que abriu um sol. (Lilian)*

## **5.2 IMPACTO DA TRANSFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR**

No contexto de trajetória de pessoas transexuais e travestis, a vivência escolar desempenha um papel preponderante, influenciando tanto o desenvolvimento

acadêmico como também na formação de identidade e interação social. Todas as quatro pessoas entrevistadas compartilharam experiências de transfobia na escola, que se manifestavam não apenas por parte de professores e diretores, mas também de colegas e, em alguns casos, dos pais destes.

Conforme os dados levantados por essa pesquisa, a baixa escolaridade ainda se apresenta como um dos motivos que prejudicam as oportunidades de emprego para pessoas transexuais. O ambiente escolar carrega consigo um estigma de preconceito e intolerância, acrescentando assim dificuldades ao desempenho escolar de pessoas trans, o que, por sua vez, colaboram com as estatísticas de evasão escolar e com a falta de profissionalização para o mercado de trabalho.

*Sofria muito bullying vestia umas roupas assim muito cortada, eu tinha cabelo grande, então sofria muito bullying, tudo era motivo para fazer eu de chacota, aí não aguentava, não podia chegar em casa e falar, aí chegou um dia e eu falei, olha eu não quero ir para a escola, eu não vou para a escola mais.  
(Kamila)*

Kamila ainda relata um incidente ocorrido na escola na qual um colega a abordou no pátio da escola e proferiu palavras ofensivas na qual ela não se recorda. Ao mesmo tempo, um professor se aproximou questionando o que estava acontecendo, momento em que o aluno diz algo insultuoso sobre a identidade de gênero de Kamila, na qual o professor respondeu se afastando da situação.

Braga, Machado e Oliveira (2018) argumentam que questões como classe, raça ou gênero não são discutidas no ambiente escolar, por serem vistas por aqueles mais conservadores como uma doutrinação as crianças. A falta de debates acerca do tema da sexualidade colabora para a omissão daqueles que deveriam proteger as crianças.

A escola, ao longo de sua criação e história, foi construída sob um viés reducionista, permeada por valores, normas e crenças que marginalizam aqueles que desviam do estereótipo considerado “padrão” – ou seja, o homem bem-sucedido, cisgênero, heterossexual, branco e que tivesse plenas faculdades mentais e estrutura física de acordo com o também padrão (Junqueira, 2014).

*Convivência escolar foi meio-termo, vou te falar assim por causa da convivência que eu tive com questão de começar a ir de roupa de homem, começar a ir com um estilo mais masculino, aí começou a puxar mais para o lado do bullying (Gabriel)*

De acordo com Soares e Vieira (2016), o ambiente escolar tende a ser uma experiência extremamente desagradável e sofrida para aqueles considerados fora do padrão, aqueles que não se encaixam no que se espera de um corpo feminino ou um corpo masculino. Nas entrevistas conduzidas, torna-se patente a presença diária da transfobia, inclusive nas próprias salas de aula.

*Só uma vez que aconteceu um episódio muito chato e desrespeitoso com uma professora que ela foi claramente uma pessoa preconceituosa e transfóbica, que me chamou de menina na cara dura, que falou que tava vendo uma menina. (Vinicius)*

A negação da identidade trans é um ato transfóbico comum, e pode se apresentar de diversas formas, seja diretamente como no relato de Vinicius, bem como no caso de Gabriel, que enfrentou hostilidade ao adotar uma expressão de gênero mais masculina.

A experiência de Gabriel na escola foi marcada por mais de uma situação conflituosa e delicada. Enquanto buscava expressar sua identidade de gênero de acordo com sua identidade masculina, acabou se deparando com o bullying e intolerância dos colegas. No entanto, a situação se tornava mais complexa quando se tratava de questões cotidianas, como a ida ao banheiro. Gabriel compartilha que se andasse com alguma menina na escola já imaginavam diversas coisas, e o mesmo acontecia quando ia ao banheiro com colegas.

*Eu tinha colega, sim, ia normalmente pra um banheiro quando uma menina me chamava, mas eu não poderia, se uma professora visse eu ir com uma menina pro banheiro, eu era advertido, eu era advertido cara, é uma situação bem delicada. (Gabriel)*

Apesar de constantemente ter seu gênero masculino negado, quando estava com alguma menina, os professores e também os pais, como falado em outro momento da entrevista, se incomodavam, e como podemos perceber pela fala dele, chegava até mesmo ser punido quando tinha um comportamento que normalmente é visto como mais feminino (ir ao banheiro com uma colega). Isso nos mostra que eles abertamente negavam sua identidade de gênero, mas ainda, sim, pareciam ter medo de que ele agisse como menino.

Toda a problemática da escola se estendia para além dos muros. Os pais dos colegas também representavam um obstáculo a ser superado, já que muitos deles possuem visões tradicionais e preconceituosas em relação à sexualidade ou

identidade de gênero. Em sua narrativa, Gabriel conta que já teve problemas com os pais, pois muitos deles eram religiosos e até mesmo preconceituosos.

Lilian apesar de ter tido uma passagem na escola mais tranquila em relação ao preconceito, devido ao apoio familiar, ao contexto social favorável e ser naturalmente feminina. Todavia, mesmo com tudo isso a seu favor, não ficou isenta de passar por episódios de transfobia, mesmo que de forma menos agressiva.

*Na escola transacionada e não quererem por meu nome social na chamada era transfobia. E ai tinha professor que confundia de proposito só pra gerar constrangimento por sadismo, perversão, me gerava mal-estar. (Lilian)*

A transfobia, como mostrada, sempre esteve presente na vida dessas pessoas, seja de forma direta ou indireta, de maneira mais agressiva ou menos agressiva. Para lidar com esses ataques constantes, eles precisaram desenvolver formas de lidar com isso.

Vinicius, que saiu da escola a não muito tempo antes da realização da pesquisa, tendo sua transição iniciada nesse mesmo período, contava com os amigos que formavam uma rede de apoio e afirmação de seu gênero. Eram eles que o encorajam a não desistir, e a buscar sua verdadeira identidade.

*Só que aí meus amigos me incentivaram, falavam, eles falaram, né, que eu poderia ir na Secretaria pedir pra mudar meu nome na chamada que era direito né de usar o nome social e foi muito assim na base do incentivo dos meus amigos, me apoiando e pra minha sorte, eu caí numa sala com pessoas muito unidas também. E eles é sempre se esforçaram para fazer as pessoas de fora me respeitar. Não é tipo, às vezes tinha aqueles erros dos professores e eles que corrigiam. (Vinicius)*

Para Gabriel, enfrentar a transfobia na escola exigiu dele uma postura firme e resiliente para lidar com as situações. Ele percebeu que precisava ser assertivo e autêntico sobre sua identidade de gênero para sua própria proteção e bem-estar. Gabriel optou por ser afirmar, recusando-se a esconder quem era e a ceder as pessoas e ao bullying que enfrentava. Compreendeu que assim como qualquer outro, ele merecia respeito, e não ter a sua identidade negada.

*Não só os alunos, mas também professores, que assim, eles tentavam fazer de uma forma é mostrar que eu era realmente quem eu não sou pra todos, que isso foi me dando mais poder, isso foi mostrando sim, eu sou cara, não importa o que você pensa, o que você faz, eu sou. (Gabriel)*

Já para Kamila, que conseguiu terminar o estudo com 23 anos, uma das formas que ele encontrou para fugir de todo o preconceito foi se afastando da escola, o que

fez com que ela atrasasse a sua educação, simplesmente porque não podia ser quem ela de fato era.

Podemos ver como a jornadas acadêmica pode ser ainda mais difícil para as crianças transexuais e travestis, devido às dificuldades que enfrentam dentro do sistema. A Lei Nº 12.796, de 4 de abril de 2013, as obriga a estudarem, no entanto, essa mesma Lei não se estende para oferecer um ambiente acolhedor, as prendendo em um ciclo de violência e negação de sua identidade no próprio espaço que deveria acolhê-las.

A escola que deveria ser um ambiente de acolhimento, aprendizado e crescimento, que deveria ser um espaço aberta ao novo, por sua vez acaba se limitando a uma visão binária dos gêneros, reprimindo, negando e/ou hostilizando tudo que é diferente. A falta de apoio de educadores, gestores e até colegas contribuem com um ambiente carregado de preconceito, discriminação e adoecimento.

Por mais que a Lei garanta o direito a educação, isso não se aplica a inclusão e proteção adequada dessas crianças. É essencial que o ambiente escolar seja seguro e inclusivo, para que todos possam expressar suas identidades livremente sem serem punidas por isso. Tudo isso demanda a formação de professores e profissionais que entendam que respeitem a diversidade e as diferenças, reconhecendo que o gênero é algo muito mais complexo do que a tradicional dicotomia de homem e mulher.

O debate sobre a transfobia escolar, assim como seu enfrentamento, é algo que precisa percorrer o caminho da educação, e chegar as escolas, local onde as crianças passam muito tempo e aprendem a socializar. É fundamental que os debates sejam fomentados, a fim de discutir e elaborar políticas de enfrentamento, além de ensinar sobre os direitos já conquistados, como a criminalização da homofobia (Bento, Xavier e Sarat, 2019).

Os recorrentes ataques a identidades de gêneros, vindas de professores, diretores, pais, e alunos, favorecem um ambiente capaz de fazer esses indivíduos muitas vezes abandonarem os estudos, contribuindo para, no futuro, enfrentarem dificuldades para encontrar empregos formais que não sejam precários (Martendal, 2015).

Santos *et al.* (2014), realizaram uma pesquisa sobre o processo transexualizador, e descobriram que a maioria daqueles atendidos pelo SUS, conseguiram terminar o ensino médio, alguns tendo até ingressado no Ensino Superior. Isso os deixou intrigado, pois pensaram que os números seriam maiores, considerando todo o sofrimento no período escolar.

Por mais que essa não seja a realidade de todos, vemos o mesmo cenário com os entrevistados nessa pesquisa, todos conseguiram concluir o ensino médio, mas isso não significa que foi tranquilo, todos sofreram com a transfobia, seja em pequena ou grande proporção, como no caso de Kamila que devido aos ataques transfóbicos que sofria acabou se afastando da escola por dois anos.

Abordar a temática de gênero ou sexualidade nas instituições de ensino não tem como objetivo influenciar a tomada de decisões, mas sim orientar sobre as diversas possibilidades existentes em um campo tão vasto, para que as pessoas compreendam que independente do que sintam, não é algo fora do comum.

### 5.3 IMPACTO DA TRANSFOBIA NO AMBIENTE FAMILIAR

A jornada daqueles que se identificam como transexuais e travestis é repleta de desafios e obstáculos que vão além das barreiras do ambiente escolar e social. E muitas vezes os problemas enfrentados se iniciam no seio familiar, um espaço que deveria ser de amor, apoio e aceitação nem sempre corresponde a essas expectativas, tornando-se muitas vezes apenas mais um local de transfobia e violência, negando a identidade dessas pessoas.

Neste contexto, a pesquisa aborda como a família desempenha um papel crítico na construção das identidades de gênero, bem como as maneiras pelas quais a transfobia se manifesta nas paredes familiares. Por meio das histórias dos indivíduos que enfrentaram essas experiências, será discutido a importância fundamental do apoio familiar na superação dos desafios enfrentados por aqueles que são trans.

Apesar de a escola ser um grande desafio, as dificuldades enfrentadas por pessoas transexuais e travestis não se limitam somente a ela. Esse preconceito costuma ter sua origem na família, que assim como os colegas, negam a identidade trans, contribuindo para a marginalização e exclusão desse grupo.

A cisheteronormatividade é definida como um padrão existente de maneiras de se relacionar com o outro, que siga aquilo normalizado e aceito pela sociedade, ou seja, homens se relacionam com mulheres e vice-versa, sempre mantendo a binaridade dos gêneros (COSTA *et al.* 2023). Essa norma social rígida muitas vezes leva à falta de aceitação e compreensão por parte das famílias quando um membro se identifica como trans ou travesti.

Consoante a definição de papel da família estabelecido pelo Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (2021), “as famílias criam a próxima geração para serem membros produtivos da sociedade. As famílias são responsáveis por garantir a saúde, segurança, educação e bem-estar geral das crianças e por ensinar-lhes valores e comportamentos sociais apropriados”.

Por mais que o Governo determine que é papel da família criar os filhos e garantir os direitos básicos dos mesmos, na maioria, isso só acontece quando os filhos correspondem as expectativas dos pais, e aqui a pesquisa se direciona somente nas expectativas em relação ao sexo e gênero. Quando os filhos vão contra a cisheteronormatividade, muitas famílias enfrentam dificuldades em aceitar e apoiar essas identidades diversas.

Dias (2015) realizou uma pesquisa e dividiu a família em dois tipos: os que não aceitam e podem acabar gerando um ambiente familiar hostil ou a saída do filho ou filha de casa; o segundo grupo é dos que aceitam, no entanto, ele ressalta que essa aceitação não os livra de momentos desconfortáveis, como tratar com o antigo pronome ou nome.

A transfobia no ambiente familiar pode se expressar de várias formas, seja com proibição de usar certas roupas que expressem a identidade de gênero desejada, a negação de um novo nome e gênero ou a não utilização dos pronomes corretos. Podemos ver um exemplo disso nos relatos de Gabriel e Vinicius.

Quando Gabriel era mais jovem, em seu lar, encontrou dificuldades relacionadas ao uso de roupas que estivessem alinhadas com sua identidade de gênero masculina. Ele recorda que a mãe não o deixava usar, e devido ao fato de ainda ser menor de idade, acabava cedendo em alguns momentos. Isso resultou em situações difíceis na infância, nas quais ele frequentemente sofria agressões.

E outro momento, após ter realizado a retificação do nome, conta que juntou seus pais e os informou o novo nome, ele relata que a reação da mãe foi um pouco dura:

*Esse meu nome daqui em diante, esse é meu pronome daqui em diante (...) a minha mãe simplesmente me falou de uma maneira (...) bem rígida mesmo "Eu nunca vou te chamar desse nome, jamais te chamaria desse nome. (Gabriel)*

Gabriel contou para seus pais a troca de nome quando tinha 16 anos, ele relata que mesmo passado 4 anos, agora com 20 anos, os pais não aderiram o seu nome, e ainda se mostram resistentes a tratá-lo da maneira correta.

*Com 4 anos eles ainda não tem a aceitação da minha vivência, até que hoje não me chamam de Gabriel, não me chama pelo pronome masculino, não tem essa vivência de masculino para eles, não importa como eu seja, home, esteja como homem, não importa, é o mesmo nome antigo, mesmo pronome, mesma vivência. (Gabriel)*

Já Vinicius, apesar de ter recebido aceitação dentro de casa, o mesmo não se aplicou nas figuras mais velhas, como o seu avô, assim ele relata:

*Quando eu falei pro meu avô, eu até cheguei a discutir com ele e fiquei um tempão sem ir na casa dele, porque ele simplesmente não queria aceitar. Ele falou que eu sempre ia ser uma garota pra ele, nasci uma garota e ia se sempre uma garota pra ele. E aí eu falei que enquanto ele não me respeita-se eu não ia mais aís pisar na casa, porque tipo, de qualquer forma eu também merecia respeito. (Vinicius)*

Dias (2015) argumenta que a transexualidade é vista sob um olhar patologizado, por fugir dos padrões sociais comuns, e os pais veem isso como algo a ser mudado. Quando o filho não concorda com essa norma, o ambiente familiar pode se tornar conturbando, surtindo consequências negativas.

Janini e Santos (2020) realizaram uma pesquisa que envolvia os familiares das pessoas transexuais, e concluíram que a família, em muitos momentos, era capaz de exercer um tipo de poder possível de controlar as decisões do outro, seja silenciando ou controlando, e isso pode acabar despertando sentimentos de não pertencimento ao meio familiar.

O enfrentamento dos problemas familiares pode ser difícil, e as dinâmicas familiares podem ser confusas e complexas, como na família de Kamila, onde ela encontra determinado apoio de sua mãe que a respeita, mas não é igualmente acolhida pelo irmão.

*Minha relação com a minha mãe melhorou, assim 100%. Em questão de se relacionar mesmo, de conversar, de se abrir uma com a outra, porque eu mãe me abria com a minha mãe, eu não conversava (...) não só com ela, como o resto da minha família também. Eu tenho uma relação bem melhor, antes eu só ficava no quarto, eu não participava de eventos de família nem nada do tipo. (Kamila)*

Já a relação de Kamila com o irmão, com quem compartilha a mesma casa e que também é casado, não evoluiu de forma favorável, sendo muitas vezes um ambiente hostil. A convivência com ele tem se revelado desafiadora, pois ele e sua esposa não demonstram respeito pela identidade de Kamila. Em relação à convivência, Kamila fala: “É complicado viver com meu irmão. E a esposa dele, eles não me respeitam, não me chamam pelo meu nome, ou quando me chamam é bem difícil, em situações bem específicas”.

Essa dinâmica familiar complexa e conflituosa adiciona uma camada de dificuldade à jornada de Kamila em busca de aceitação e respeito por sua identidade de gênero.

Campos, Tilio e Crema (2017) enfocam o papel fundamental da família no desenvolvimento das crianças, especialmente no que diz respeito à construção da identidade de gênero. Eles ressaltam a importância dos pais no processo de constituição da performatividade do gênero dos filhos, não apenas transmitindo informações sobre os corpos, mas também influenciando a maneira como as normas e regras de gênero são internalizadas desde a infância

Lilian, por sua vez, teve uma família mais aberta e receptiva, o que proporcionou que ela pudesse expressar sua identidade a sua maneira. Desde cedo se mostrando mais feminilizada, acabou encontrando a aceitação e compreensão em casa que muitos não tiveram a sorte de ter.

*Quando eu tinha 15 anos, minha mãe me protegeu, me colocou debaixo da asa dela e me protegeu, eu lembro que as primeiras consultas com médico público que eu fui, minha mãe estava comigo, isso fez toda diferença, então assim, essas são as boas sorte, não é privilégio, mas eu tive muita boa sorte de ter essa vivência mais fluida da minha mãe (...) da religião, da minha família, ser budista, não ser evangélica, então, minha mãe já tinha uma outra visão. (Lilian)*

Ela ainda complementa dizendo que a mãe já falou sobre sua feminilidade para um psiquiatra, e o mesmo disse que poderia ser algo do momento, mas que também

poderia significar que ela de fato se identificava com uma mulher. Após essa conversa a mãe já estava aberta a possibilidade, estando muito mais preparada a situação.

Apesar de não ser o foco dessa pesquisa, não é possível desconsiderar o impacto que a religiosidade pode causar na vida da população LGBTQI+, e isso inclui a população trans. Garcia e Cruz (2019) desenvolveram uma pesquisa e puderam ver como a religião pode influenciar na forma de se autodesenvolver. O ambiente não é acolhedor e somado a isso, os muitos trechos bíblicos que desencadeiam sentimentos negativos acabam tendo como resultado sentimentos aversivos com a própria imagem, como vergonha ou inadequação. Nessa mesma pesquisa as autoras contam que alguns dos entrevistados para lidarem com as aflições recorriam à medicação e iam à psicoterapia

Em uma outra pesquisa desenvolvida por Rocha (2023) uma das participantes, criada em uma família profundamente religiosa, enfrentou diversos desafios durante infância, resultando em um impacto significativo no seu bem-estar psicológico. Ela relata que cresceu escutando sua mãe orando para que o filho deixasse de ser homossexual, o que resultou em consequências prejudiciais para sua saúde mental e bem-estar emocional.

A jornada de vida de pessoas transexuais e travestis, como podemos ver, vai muito além do ambiente escolar. E muitas vezes os problemas encontram seu início no próprio seio familiar. Local esse que ao invés de representar um espaço de amor, aceitação e desenvolvimento, muitas vezes opta por excluí-las, marginalizá-las ou até negar sua existência.

Restrições quanto ao uso de roupas, para serem de acordo com o gênero biológico, a recusa em usar os pronomes corretos e em reconhecer o nome ou gênero são formas de manifestar a transfobia dentro de casa. Essas experiências negativas podem acabar deixando traumas e marcas emocionais profundas, contribuindo com o sofrimento psíquico, isolamento e a sensação de não pertencimento. Dessa forma, o apoio familiar se mostra uma peça-chave para que o indivíduo consiga superar toda a transfobia que já sofre fora de casa.

Uma pesquisa realizada por Reczek (2020), que consiste em uma revisão que aborda as famílias de pessoas não heteronormativo entre os anos de 2010 e 2020,

traz a reflexão sobre a importância da família no apoio de seus filhos e concluiu que apesar de na últimas décadas ter tido um progresso admirável em relação aos estudos nessa área, ele ressalta a importância de haverem mais pesquisa que englobem uma gama mais ampla de especificidades dentro da comunidade a fim de uma melhor compreensão delas e de seus laços familiares (tradução nossa).

A jornada das pessoas trans é complexa e marcada por desafios, inclusive familiares decorrentes da falta de aceitação. A influência da cisheteronormatividade dentro das famílias pode resultar em um ambiente onde não há aceitação do diferente, fortalecendo um ambiente familiar hostil, capaz de desestabilizar de várias maneiras o indivíduo. Dessa forma, o apoio familiar é imprescindível na superação desses desafios, para que essas pessoas sejam capazes de se desenvolver de maneira plena.

#### 5.4 IMPACTO DA TRANSFOBIA NO MERCADO FORMAL

No contexto de vida de pessoa trans, os desafios e complexidades se estendem ainda mais, para além do ambiente familiar e educacional. O mercado de trabalho se mostra como mais uma barreira a ser superada. Aqui será exposto as dificuldades e barreiras enfrentados pelos indivíduos transexuais e travestis na busca pela inserção no mercado de trabalho.

Como citado anteriormente por Benevides e Nogueira, (2021, *apud* Benevides 2022), 90% da população trans trabalha com a prostituição como forma de subsistência. Além disso, de acordo com o Dossiê de Assassinatos e Violências Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2022, elaborado pela ANTRA (2023), mais de 50% dos assassinatos de pessoas trans ocorrem na prostituição, justamente por estarem diretamente expostas nas ruas.

Muitas dessas pessoas acabam se deparando com a prostituição por não receberem o apoio familiar necessário. Estima-se que as crianças que se assumem trans são expulsas de casa, em média, aos 13 anos (Dossiê ANTRA, 2018). Consequentemente, com a expulsão de casa, muitas delas acabam abandonando os estudos e parando na prostituição como opção viável.

Apesar de grande parte das pessoas que se identificam como trans estarem trabalhando na prostituição, essa não é a atual realidade das pessoas entrevistadas

nessa pesquisa. Por exemplo, Kamila conta que já recebeu propostas para a prostituição, no entanto, nunca teve coragem de aceitar por conhecer a realidade e riscos envolvidos.

Mesmo para aqueles que não recorrem à prostituição como alternativa, a realidade ainda apresenta desafios significativos. O mercado de trabalho formal continua sendo difícil para aqueles que não se encaixam nos padrões tradicionais.

Vinda de um contexto social mais favorável, Lilian compartilha sua trajetória pelo olhar de uma pessoa com mais vivências e que já recebeu diversas oportunidades ao longo da vida. É crucial reconhecer as especificidades da vida de Lilian em relação ao suporte familiar, sua vida escolar, classe social e passabilidade<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo que ela reconhece as oportunidades que teve, consegue entender que nem todas as transexuais e travestis compartilham das mesmas oportunidades, cujas jornadas de vida variam amplamente. Como ela mesmo relata:

*Eu tenho uma história um pouco diferente pelo recorte social da família, classe média, minha família ter me apoiado, ser branca, minha transição ter sido bem-sucedida, ter conseguido operar, ter sido redesignada. Então eu estou em um recorte. Não posso falar pela maioria das meninas, então eu tive várias oportunidades de trabalho, mas eu tenho consciência que pelo meu recorde que eu tive. (Lilian)*

Em sua carreira profissional, Lilian compartilha sobre como o preconceito não se limita somente a sua identidade transexual. Sendo mulher, ela relata como o patriarcado e o machismo impactam a sua vida:

*Eu nasci louro, lindo, maravilhoso. Só faltava pôr a faixa de Bolsonaro presidente do Brasil, a família tinha expectativa de mim, que eu ia dominar o mundo, quando eu rejeitei ser este homem para me tornar uma mulher, eu estou negando o masculino para viver o feminino, já começa aí a loucura e o preconceito, o preconceito, a fome é feminina a desigualdade ela é feminina. Eu já trabalhei em empresa que eu ganhava menos por ser mulher, não por ser transexual. (Lilian)*

Pensando nesse contexto, vale destacar que por mais que a transfobia afete toda a população trans, existe preconceito no preconceito, sendo a realidade para as

---

<sup>2</sup> Capacidade de uma pessoa transgênero de ser percebida ou "passar" como cisgênero. Habilidade de uma pessoa transgênero de não ser imediatamente identificada como transgênero por outras pessoas em situações sociais

mulheres trans marcadas por uma pouca mais de desafios, e podemos ver isso por conta do machismo e do fato de a mulher como falado por Lilian, negar o masculino.

Uma pesquisa realizada por Junior *et al.* (2022) ilustra como os homens trans tendem a receber propostas de empregos mais favoráveis e melhores benefícios, em relação às mulheres. As mulheres acabam ficando à mercê de trabalhos que requerem uma menor qualificação ou que são considerados mais “femininos”. Além disso, a pesquisa também conta sobre como enquanto as mulheres trabalhavam com a prostituição para se manter, os homens a usavam para conseguir dinheiro extra.

Ao mesmo tempo que Lilian conseguiu diversas oportunidades de trabalho, para outros, a narrativa não é a mesma. Com 70% dos votos de Ariquemes nas eleições de 2022, direcionadas ao candidato que representava a “família tradicional brasileira” e o conservadorismo nas eleições, como mostra os registros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a situação se mostra desafiadora. Considerando que as inserção e ascensão profissionais podem ser reduzidas, uma vez que crenças e atitudes sociais influenciam diretamente nas oportunidades.

Nessa perspectiva, Kamila nos fala sobre uma vez que se candidatou três vezes em um emprego, fez entrevista as três vezes, e por mais que as entrevistadoras aparentassem gostar dela, algo sempre dava errado. Kamila aponta: “Todas gostaram de mim, me indicaram. Mas, aparentemente quando o meu nome ia pra cima, né, pra poder ser aprovado. Achava algum problema. Que que não era passado para mim, obviamente”.

De acordo com Costa, Paulino e Lacerda (2021), o primeiro obstáculo que a população trans enfrenta quando busca um emprego, é o fato de o nome não estar retificado. Ele conta que essa pessoa no ato de buscar um emprego acaba muitas vezes se surpreendendo com a quantidade de ações transfobias que recebe, todas sendo naturalizadas no ambiente.

Um dos entrevistados, Gabriel, trouxe essa realidade para pesquisa, como o mesmo relata:

*Antes de fazer a troca de nome as pessoas me olhavam e liam o nome antigo, isso foi uma coisa que me dificultou no começo quando (...) eu fui em busca do serviço de carteira assinada, porque quando eu chegava com o meu currículo poderia ter o que for é a primeira coisa que eles olhavam era o nome, e sempre levantava a cabeça novamente pra ver pra confirmar que era aquilo, entendeu não era aquele tipo de entrevistador que olhava o currículo, que olhava lá o nome e chamava, senta por favor era o tipo de entrevistador que olhava o nome olhava novamente para confirmar se era aquilo e olhava novamente para corrigir (Gabriel)*

Lilian teve uma experiência parecida, na qual na busca por um emprego, a não retificação do nome agiu como uma barreira na obtenção de emprego. Lilian relata: “Foi difícil porque as pessoas me aceitavam. Aí, quando eu levava documento, não queria. Então cheguei a fazer teste na (...) e aí quando eu levei os documentos me falaram que não tinha vaga”.

O preconceito pode ser expressado de diversas formas em uma entrevista, como ficou evidente nos relatos de Gabriel e Lilian. Todavia, Kamila fala sobre um caso em que o entrevistador estava claramente mais interessado na sua vida pessoal do que profissional, e após fazer várias perguntas de cunho pessoal, finaliza dizendo que no local não havia vaga para ela.

*Começou a fazer perguntas, viu meus documentos assim, parou, olhou, olhou pra mim. E aí ele não tava me fazendo perguntas profissionais. Ele só fez perguntas pessoais, que qui eu estava fazendo aqui (...) com quem que eu morava, com que eu tava trabalhando aqui? (...) Você mora com quem? (...) de onde você veio? Perguntas pessoais, sabe? Nenhuma pergunta relacionada, ao que que eu fazia de trabalho, né, antes? (...) aí começou a fazer essas perguntas. Eu já achei estranho. Aí ele terminou assim. Ai ele falou, agradeço, mas a gente não tem trabalho aqui pra você. Foi assim ele falou a gente, não tem trabalho aqui pra você. Aí aquilo me pegou porque assim, se não tinha vaga, por que que estava fazendo entrevista? Poque que abriam a prova, porque que tavão entrevistando. (Kamila)*

Tendo trabalhado apenas para alguns parentes de maneira informal, Vinicius, de 18 anos, ainda não teve muita experiência com o mercado de trabalho. Relata que quando entrega currículo utiliza o nome masculino, no entanto, quando é chamado para as entrevistas, percebe as reações de surpresa das pessoas.

É evidente que pessoas transgênero frequentemente enfrentam desafios durante entrevistas de emprego, além do estresse comum associado aos processos seletivos, elas precisam lidar com a transfobia. Essa realidade é visível nas pesquisas de Beckhauser (2016), Hartmann (2017), Galvani e Rocha (2018), Almeida e Vasconcellos (2018), Paniza (2021) e Junior *et al.* (2022), em suas obras, fica explícito

ser extremamente comum que as pessoas trans sejam eliminadas dos processos seletivos por conta da transfobia.

As adversidades vivenciadas no mercado de trabalho vão além das entrevistas, para aquelas que conseguem ser chamados superar a primeira fase, a transfobia no ambiente de trabalho se torna a realidade. Costa, Paulino e Lacerda (2021), destacam que quando um funcionário é objeto de preconceito por parte de colegas ou superiores por conta de sua identidade de gênero, ele acaba virando um alvo de piadas preconceituosas, e isso contribui para o adoecimento psicológico do funcionário que pode desenvolver transtornos ao longo do tempo.

Lilian, em uma das entrevistas relata o seguinte:

*Eu vivi situações assim, de uma colega de trabalho que eu treinei, eu ta atendendo, tipo, uma mãe e um rapaz. E aí ela vim e falar, ai me ajuda achar a calça tal fulano de tal, usa meu nome morto, tipo pra me invalidar, esse tipo de transfobia eu vivi, essa puxação de tapete, essa, me negar. Eu vivi. Foi muito doloroso pra mim. (Lilian).*

Uma pesquisa realizada com 935 pessoas por Sears (2021) visando falar sobre as experiências da população LGBTQ+ no local de trabalho, descobriu que:

*Os funcionários transgêneros também eram significativamente mais propensos a sofrer discriminação com base em seu status LGBTQ do que os funcionários cisgêneros LGBTQ: quase metade (48,8%) dos funcionários transgêneros relataram ter sofrido discriminação (serem demitidos ou não contratados) com base em seu status LGBTQ, em comparação com 27,8% dos funcionários LGBTQ cisgêneros. Mais especificamente, mais do dobro dos trabalhadores transexuais relataram não ter sido contratados (43,9%) devido ao seu estatuto LGBTQ em comparação com os trabalhadores LGBTQ (21,5%) (Tradução nossa)<sup>3</sup>*

Gabriel também compartilha uma experiência na qual sofreu transfobia direta, em que o empregador o disse claramente que não o contrataria por ser quem é. Sobre essa experiência, Gabriel relata: “Já teve escritório também de chegar e falar assim: “moça a gente não contratamos pessoas com o tipo de sexualidade igual à sua, a gente está procurando pessoas para a imagem da empresa de outra forma”.”

---

<sup>3</sup>“Transgender employees were also significantly more likely to experience discrimination based on their LGBTQ status than cisgender LGBTQ employees: Nearly half (48.8%) of transgender employees reported experiencing discrimination (being fired or not hired) based on their LGBTQ status compared to 27.8% of cisgender LGBTQ employees. More specifically, over twice as many transgender employees reported not being hired (43.9%) because of their LGBTQ status compared to LGBTQ employees (21.5%)”.

Na mesma pesquisa, Sears (2021) evidencia que: “Um em cada cinco (20,8%) funcionários LGBT relatou ter sofrido assédio físico devido à sua orientação sexual ou identidade de gênero. Relatos de assédio físico incluíram “socos”, “pancadas” e “espancamentos” no local de trabalho” (Tradução nossa).<sup>4</sup>

Gabriel conta que trabalha com atendimento ao público, sendo respeitado pelos colegas e chefes no local, no entanto, não recebia sempre o mesmo respeito com pessoas de fora.

*Já chegou pessoas já que realmente se falar com aquele tom de voz de quere, se pudesse naquele tom de voz, se pudesse naquele exato momento ele me mataria (...) ele tava querendo ali naquele momento colocar aquele tom de medo, que eu saísse dali. (Gabriel)*

A ausência de relatos de Kamila e Vinicius sobre a transfobia no ambiente de trabalho se dá em razão de Vinicius não ter conseguido nenhum emprego ainda, iniciando sua jornada agora, já Kamila só trabalhou antes da transição e para um familiar.

O mercado de trabalho se mostra como uma barreira a ser superada, a fim de evitar que a população trans se veja compelida a recorrer a trabalhos como a prostituição quando essa se apresenta como a única alternativa viável. É notório que o contexto político e social influencia diretamente nas oportunidades de trabalho que serão ofertadas e a predominância de visões conservadoras tem grande impacto na inserção e ascensão profissional de pessoa trans.

O preconceito e a discriminação vão muito além do que podemos observar, portanto, é essencial a criação de políticas que visem a inclusão nas empresas, promovendo a equidade e combatendo atitudes preconceituosas e estigmatizantes. Fortalecer ações que promovam a diversidade e respeitos as diferenças é essencial para promover ambiente profissionais inclusivos e acolhedores.

A experiências no ambiente de trabalho variam largamente. Alguns conseguem empregos que possuem um ambiente mais inclusivo, enquanto outros precisam lidar diariamente com o preconceito. A transfobia persiste durante toda a trajetória da

---

<sup>4</sup>“One in five (20.8%) LGBT employees reported experiencing physical harassment because of their sexual orientation or gender identity. Reports of physical harassment included being “punched,” “hit,” and “beaten up” in the workplace.”

pessoa, desde a entrevista até o local de trabalho, se tornando um problema crônico que precisa ser falado

Em suma, esse tópico aborda os desafios enfrentados pela população trans quando vão em busca de um trabalho que não seja na informalidade, barreira essas que se iniciam desde a entrevista de emprego e se estendem para dentro do ambiente organizacional por meio de atos transfóbicos por parte dos gestores, colegas de trabalho e clientes.

## 5.5 POLÍTICAS PÚBLICAS E A POPULAÇÃO TRANS

Assim como descrito pelo Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco (2022), políticas públicas são um conjunto de ações que visam atender a determinadas necessidades, que visam melhorar a vida e as condições do povo. Sendo as políticas sociais aquelas que se concentram em melhorar a vida de pessoas marginalizadas ou desfavorecidas.

No Brasil, existem algumas políticas públicas voltadas ao auxílio da população trans, como o Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde, Brasil sem homofobia e a ação direta de inconstitucionalidade nº 4275.

O Processo Transexualizador do SUS foi criado pela Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008, e oferece cirurgias como mastectomia, plástica, redesignação sexual, tireoplastica, terapia hormonal, além do acompanhamento multidisciplinar e diversos outros procedimentos a fim de auxiliar a transição.

Lilian afirma ter feito seu processo Transexualizador pelo Sistema Único de Saúde (SUS), no entanto, é importante considerar que esse é um processo demorado, e que ao buscá-lo em uma cidade que não o promove por conta do preconceito pode-se deparar muitas vezes com profissionais não preparados para tais demandas. Em um trecho da entrevista, Lilian conta como teve dificuldades em receber o serviço:

*Eu tentei operar pelo sus, eu abri o processo em 2014 com muita luta, muita luta. Tive que imprimir todos os meus direitos, esfregar na cara do secretário da saúde de Ariquemes na época, foi assim, foi lutando mesmo. (Lilian)*

Kamila também relata já ter recorrido ao SUS em busca dos hormônios necessários para a transição, no entanto, a enfermeira não sabia como prosseguir.

Devido à falta de apoio, ela se tornou autodidata na busca de conhecimento para entender como fazer o uso adequado da medicação.

Já Vinicius buscou o SUS quando ainda era menor de idade. Devido à demora acabou deixando de lado, pois estava perto de completar 18 anos e teria que recomeçar todo o processo de maneira independente. No entanto, ele traz um relato sobre quando buscou o SUS com o objetivo de fazer terapia hormonal:

*Eles queriam me encaminhar pro ginecologista que não tinha nada a ver sabe, que não ia resolver o meu problema, aí da segunda vez que eu fui o médico falou que não poderia fazer isso, que eu tinha que passar pelo ginecologista e ele ia me encaminhar para um endocrinologista. (Vinicius)*

No Brasil, os serviços especializados a população transexual e travesti são poucos, e os que existem se concentram em regiões mais desenvolvidas. Dessa forma, por mais que o SUS oferte o processo transexualizador, a inexistência de um local especializado na região Norte afeta drasticamente a oferta dessa política pública (Rocon *et al.* 2019).

Outra problemática destacada por Rocon *et al.* (2019) é que frequentemente os indivíduos trans quando buscam o serviço público sofrem com a transfobia, muitas vezes seu nome social não é respeitado. Assim, destaca a importância de capacitação dos médicos, enfermeiros e todos os funcionários a fim de oferecer um tratamento livre de preconceitos e capaz de atender as necessidades dos pacientes. Fazendo com que aquele ambiente se torne um local de ajuda, e não mais um ponto de transfobia e adoecimento.

Sobre a políticas públicas, Lilian fala que deveriam existir políticas que tivessem como objetivo reduzir a evasão escolar e trazer de volta aquelas pessoas que tiveram que abandonar. Também sugere que empresas que contratem pessoas trans e não binárias, recebam algum tipo de benefício como motivação.

Lilian também traz a realidade sobre como a diversos problemas poderiam ser evitados na vida das pessoas trans, se o Estado garantisse o básico.

*Se essa menina ta na rua, se prostituindo sem informação, sem amor-próprio, se odiando, se drogando, transando sem camisinha, ela vai virar um problema, na delegacia, no hospital público, ela vai fazer tratamentos caros pro Governo de saúde, vai só piorar, até ela vir a morrer. (Lilian)*

Já Gabriel expressa necessidade de haver médicos na cidade voltados aos cuidados de pessoas trans, que os ajudem nesse processo e a importância de serem criadas políticas voltadas à inclusão de pessoas trans nas empresas e mercado de trabalho.

Além do processo transexualizador ofertado pelo SUS, foi citada outras duas políticas públicas. O Brasil Sem Homofobia é um programa de combate à violência e à discriminação contra pessoas LGBT e de promoção da cidadania homossexual. Foi criado em 2004 e tem por objetivo promover os direitos da população LGBT, afirmando ser um compromisso do Estado e da sociedade, assim como produzir conhecimento acerca da temática.

A segunda é que por meio da ação direta de inconstitucionalidade nº 4275, o Supremo Tribunal Federal (STF) em 2018 passou a reconhecer o direito de troca de gênero e nome nos documentos sem precisar de uma ação judicial ou passar pela cirurgia de redesignação de sexo e através da ação direta de inconstitucionalidade por Omissão nº 26, o STF em 2019 passou a enquadrar a homofobia e a transfobia nos termos da Lei 7.716/89 a mesma Lei que criminaliza o racismo.

Por mais que algumas políticas públicas tenham sido criadas, Cunha (2020) destaca que o Governo do Ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro, entre os anos de 2019 e 2022, representou um retrocesso no que se refere as questões das causas LGBT+. Um Governo marcado pelo conservadorismo. Enquanto esteve presidindo a temática referente a sexualidade foi retirada da pasta de Direitos Humanos e discursos que encorajavam a “cura gay”<sup>5</sup> ou “ideologia de gênero”<sup>6</sup> eram cada vez mais comuns.

A importância de falar sobre políticas públicas reside no fato de não vivermos em uma sociedade igualitária, onde todos possuem direitos e oportunidade iguais. Quando se trata da população transexual ou travesti, é fundamental a ampliação de políticas que promovam o desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo. Dessa forma, as políticas públicas são essenciais para combater as diversas formas de

---

<sup>5</sup> “Cura gay” é uma expressão que se refere erroneamente à ideia de que a orientação sexual, como a homossexualidade, pode ser “curada” ou modificada por meio de terapias de conversão.

<sup>6</sup> Termo utilizado pelo meio conservador para desacreditar e criticar abordagens educacionais voltadas a promover a igualdade de gênero, a diversidade sexual e o respeito as identidades de gênero.

marginalização e discriminação de pessoas transexuais e travestis na sociedade, assim como garantir a efetivação de seus direitos

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da bibliografia, é possível perceber que desde o início do movimento LGBTQIA+, a comunidade transgênero vem sendo negligenciada e ignorada, e que apesar de algumas mudanças estarem sendo realizadas, objetivando retirar essas pessoas da informalidade e prostituição, muito ainda se faz necessário para erradicar todo o preconceito que permeia a sociedade na busca pela equidade. A população trans tem sua vida marcada por preconceito desde a infância, enfrentando desafios em várias áreas ao decorrer da vida e desenvolvimento. Por consequência, muitas vezes um problema leva a outro, como a falta de apoio familiar pode fazer com que um ambiente escolar hostil, se torne insuportável, assim como a falta de estudo pode acarretar falta de profissionalização dessas pessoas.

A família, que deveria ser um dos maiores apoiadores, se mostra muitas vezes como o contrário disso. Apesar de nem todas as famílias serem preconceituosas, a realidade é que muitas ainda são, por não conseguirem entender a extensão, e tudo que permeia a identidade de gênero de uma pessoa. Tudo isso gera um ambiente familiar adverso ao bom desenvolvimento pessoal da criança que nele vive.

É na escola que passamos toda a nossa infância, a família e a escola são os locais onde moldamos nossa personalidade, dessa forma, viver em um ambiente saudável é essencial para o pleno desenvolvimento. No entanto, essa não é a realidade das pessoas trans na escola, esse período é marcado por ataques transfóbicos diariamente por parte de professor, diretores ou colegas, seja de forma mais direta, com xingamentos e as vezes até agressão física, como também de maneira mais velada, com risos ou o uso inadequado de pronomes.

A transfobia no ambiente escolar é comum, fazendo com que muitas vezes a população abandone os estudos em razão do sofrimento psicológico gerado pelo ambiente hostil. Os ataques transfóbicos na escola agregados a falta de apoio familiar pode gerar um duplo problema: o abandono da escola e saída ou expulsão de casa. Apesar de essa não ter sido a realidade das pessoas aqui entrevistadas, muitos jovens acabam ficando à mercê das ruas, tendo como única opção de subsistência a prostituição.

No que tange ao mercado de trabalho, a dificuldade de empregabilidade também é uma realidade no município. Os desafios vão desde a entrega do currículo, quando se veem na dúvida se colocam o nome de nascimento ou o novo e vão até o momento em que conseguem ser contratadas e precisam lidar com colegas e cliente.

Como vimos, o processo de seleção e entrevistas pode ser um dos momentos mais desafiadores e desanimadores para a população trans. A população trans é frequentemente eliminada do processo de seleção assim que são vistos pelos empregadores, que não chegam nem a ver suas qualificações ou entrevistá-los, não os deixam tentar. Quando conseguem fazer a entrevistas, são frequentemente obrigadas a escutar que não são o tipo de pessoa que a empresa está procurando, ou que não existem mais vagas disponíveis.

Os problemas também se estendem ao ambiente de trabalho. Quando contratadas ainda precisam lidar com colegas de trabalho que não respeitam suas identidades, cometendo diversos atos transfóbicos, e isso também se aplica quando a pessoa trabalha com atendimento ao público, que às vezes se negam a ser atendidas por pessoas “diferentes”.

Para combater o preconceito no mercado de trabalho formal, as empresas precisam olhar para as pessoas trans com um novo olhar, como alguém que pode e de fato vai agregar no ambiente de trabalho, é necessário compreender que a identidade de gênero, orientação sexual, seja o que for não influencia em nada no trabalho desenvolvido pela pessoa.

Também se faz necessário uma maior atuação do Governo na criação de políticas públicas voltadas a essa população. Essas políticas devem buscar ajudar a vida da população na totalidade, desde buscar formas de fortalecer o vínculo familiar, reinserir na escola aqueles que a abandonaram, preparar o ambiente escolar, capacitar os profissionais e conscientizar todos, inclusive os estudantes e os pais, sobre a diversidade existente e a necessidade de respeito, esse é um assunto que precisa ser debatido a fim de combater a desinformação que circunda essa temática.

Políticas públicas também devem ser criadas com o objetivo de inserir a população a mercado de trabalho, a realidade é que muitas empresas infelizmente não contratam pessoa trans, dificultando a entrada, permanência e ascensão dessas

peças na vida profissional, empurrando-as para trabalhos informais. Dessa forma, o Governo é de fundamental importância na criação de políticas que visem a profissionalização e empregabilidade dessas pessoas.

No entanto, a criação de políticas públicas devem ser pensadas como um todo, pois, como vimos, apesar de já existirem algumas, em muitos momentos elas acabam servindo apenas como mais uma forma das pessoas serem maltratadas e terem suas identidades negadas. Como no processo transexualizador, que apesar de ser uma ótima forma de ajudar essa população, ela vem acompanhada de profissionais despreparados, influenciados por crenças e valores pessoais que não conseguem compreender a singularidade do gênero e por isso acabam deixando de ofertar o melhor atendimento possível.

Cada vez mais, grupos considerados minorias estão conseguindo adentrar ao mercado de trabalho, mediante ações que visam a integração, inclusão e diversidade nos locais de trabalhos, a fim de promover ambientes mais igualitários. Para isso, necessita-se que um número maior de empresas adira a essa iniciativa.

A importância do Governo nessa luta é demasiada, todas as pessoas possuem direito a educação, e podemos ver que medidas devem ser adotadas para que menos jovens deixem a escola e aqueles que estão fora possam retornar. A criação de políticas públicas voltadas a comunidade transgênero se mostra uma medida de ampla importância para os visibilizar na sociedade.

Ajudar essa população não cabe somente ao Governo e as empresas, a população como um todo precisa se conscientizar para não cometer e não permitir que o espaço a sua volta se torne um local de intolerância. O combate a transfobia necessita de uma mudança cultural, a fim de que atos transfóbicos não sejam comuns, para que todos passem a valorizar e respeitar as diversidades de gêneros, em todas as esferas da vida.

Em última análise, a luta pela igualdade de gênero e pela aceitação da identidade de gênero é uma responsabilidade de todos. À medida que avançamos na busca por um mundo mais inclusivo, que aceite a diversidade, é imperativo que o Governo, as empresas e a população em geral se unam para combater a transfobia e criar ambientes onde todas as pessoas possam viver com dignidade e respeito. Cada

ação, por menor que possa parecer, contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O desafio de erradicar o preconceito é grande, mas unidos é possível criar um futuro em que as barreiras enfrentadas pela população trans no âmbito familiar, escolar e do trabalho não mais existam.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cecília Barreto de; VASCONCELLOS, Victor Augusto. **Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo?** Revista Direito GV, v. 14, p. 303-333, 2018.

AMORIM, Sylvia Maria Godoy. **Escola e transfobia: vivências de pessoas.** Araraquara, 2018.

Associação Nacional de Transexuais e Travestis. **História.** 2023. Disponível em: <https://antrabrazil.org/historia/>. Acesso em: 15 out. 2022.

Associação Nacional de Transexuais e Travestis. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021** / Bruna G. Benevides (Org). – Brasília: ANTRA, 2022. Disponível em: <https://antrabrazil.org/assassinatos/>. Acesso em: 21 set, 2023.

Associação Nacional de Transexuais e Travestis. **Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017** / Bruna G. Benevides (Org). – Brasília: ANTRA, 2018. Disponível em: <https://antrabrazil.org/assassinatos/>. Acesso em: 21 set, 2023.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.** Revista Estudos Feministas. v. 19, n. 2, 2011.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO, Nosli Melissa de Jesus; Xavier, Nubea Rodrigues; SARAT, Magda. **Escola e Infância: a transfobia lembrada.** 2019

BRAGA, Laíra Assunção; MACHADO, Thiago Pereira; OLIVEIRA, Luciano. **Entre o temor e a resistência: o demônio da boneca e o “viadinho” abusado.** Revista Periódicus, v. 1, n. 9, p. 75- 86, maio/out. 2018.

BRASIL. **Ação Direta de Inconstitucionalidade 4.275 Distrito Federal.** 2018. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=749297200>. Acesso em: 22 ago, 2023.

BRASIL. **Ação Direta de Inconstitucionalidade Por Omissão 26 Distrito Federal.** 2019. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=754019240>. Acesso em: 22 ago, 2023.

BRASIL. **Lei Nº7.716, de 5 de Janeiro de 1989.** Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7716.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm). Acesso em: 22 ago, 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008.** Disponível em:

[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803\\_19\\_11\\_2013.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html). Acesso em 22 ago, 2023.

BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei do Senado nº 191, de 2017. Brasil, 2017.** Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/129598>. Acesso em: 07 de dez. 2022.

BRASIL. **Tribunal Superior Eleitoral. Resultados.** 2023. Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/divulga/votacao-nominal;e=545;cargo=1;uf=ro;mu=00078>. Acesso em: 19 ago, 2023.

BRITTO, Fernanda; CARVALHO, Grasielle. **Corpos que não importam: uma análise dos homicídios por transfobia no Brasil após as recomendações emitidas pela comissão interamericana de direitos humanos de 2015 a 2020.** Interfaces Científicas-Direito, v. 8, n. 3, p. 139-152, 2021.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual.** Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf). Acesso em: 22 ago, 2023.

COSTA, Fabrício Veiga; PAULINO, Bárbara Campolina; DE CASTRO LACERDA, Luana. **Responsabilidade civil por danos morais decorrente da transfobia no ambiente de trabalho: um estudo crítico dos critérios de quantificação do dano.** Revista de Gênero, Sexualidade e Direito, v. 7, n. 2, p. 1-22, 2022.

COSTA, Márcia Sardinha da. **Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do não-binário.** Goiânia, 2020.

FARIAS, João Victor Gomes de. **População trans e educação: uma análise da evasão escolar de pessoas trans e travestis em Natal-RN.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.  
GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** V. 4, n. 1, p. 44-45, 2002.

HAFFORD-LETCHFIELD, Trish *et al.* **What do we know about transgender parenting?: Findings from a systematic review.** Health & Social Care in the Community, v. 27, n. 5, p. 1111-1125, 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População Ariquemes.** 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/ariqueemes/panorama>.

JANINI, Janaira Pinto e SANTOS, Rosângela da Silva. **Relações sócio-familiares e a construção da personalidade transexual.** 2020

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília, 2012.

JUNIOR, Amauri Krizizanowski *et al.* **Acesso ao mercado de trabalho formal: desigualdades de gênero entre mulheres e homens trans.** Cadernos de Gênero e Tecnologia, v. 15, n. 46, p. 197-211, 2022.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Heteronormatividade e vigilância de gênero no cotidiano escolar.** In: RODRIGUES, Alexsandro.; DALLAPICULA, Catarina.; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva. Transposições, Lugares e fronteiras em sexualidade e educação. Vitória: Edufes, 2014.

KACHANI, Morris. **Está em marcha uma revolução de mudanças das vivências trans.** Revista Estadão, 2021. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/inconsciente-coletivo/esta-em-marcha-uma-revolucao-de-mudanca-das-vivencias-trans/>. Acesso em: 06 set. 2022.

KAFFER, Karen Ketlin *et al.* **A transexualidade e o mercado formal de trabalho: principais dificuldades para a inserção profissional.** In: Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. Porto Alegre, 2016.

MARTENDAL, Laura. **Experiência(s) Profissionais(s)? Relatos de mulheres transexuais.** Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

MARTINS, H.; SILVA, M. **Serviço Social e População Trans.** 2020.

MIGUEL, S. S. M. S.; DALPIZZOL, G. D.; DEMARCO, T. T. **Homossexualidade, Homoafetividade e Bissexualidade.** Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira, v. 2, 2017.

MOURA, Renan Gomes de; LOPES, Paloma de Lavor. **Comportamento organizacional frente à diversidade: a inclusão de travestis e transexuais no mercado de trabalho.** In: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Rio de Janeiro: AEDB, 2017.

NOGUEIRA CUNHA, LL. **A antipolítica de gênero no governo Bolsonaro e suas dinâmicas de violência.** Revista de Estudos Brasileiros: 2020. <https://doi.org/10.14201/reb20207144961>.

PERNAMBUCO. Márcio Sena. Tribunal de Contas Estado de Pernambuco (org.). **As Políticas Públicas e como elas afetam nosso país.** 2022. Disponível em: <https://ouvidoria.tce.pe.gov.br/politicas-publicas-e-sua-importancia/>. Acesso em: 22 set. 2023.

RECZEK, Corinne. **Sexual- and Gender-Minority Families: a 2010 to 2020 decade in review.** *Journal Of Marriage and Family*, 2020. <http://dx.doi.org/10.1111/jomf.12607>.

ROCON, Pablo Cardozo *et al.* **Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde.** Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 23, p. e180633, 2019.

SANTOS, Márcia Cristina Brasil *et al.* Processo transexualizador no Rio de Janeiro: considerações introdutórias a partir do olhar do serviço social. In: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral. **Transexualidades: um olhar multidisciplinar**. Salvador: Edufba, 2014.

São Paulo. Governo do Estado. **Secretaria da Justiça e Cidadania. Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual**. Diversidade sexual e cidadania LGBTI+. 4ª ed. São Paulo: SJC/SP, 2020.

SEARS, Brad *et al.* **LGBT People's Experiences of Workplace Discrimination and Harassment**. William Institute UCLA School of Law, 2021. Disponível em: <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/publications/lgbt-workplace-discrimination/>. Acesso em: 21 set. 2023.

SILVA, Helbe Cavalcante *et al.* **Transexualidade e Trabalho: sobre a imprescindibilidade do trabalho na construção de identidades de gênero**. 2021.

SOARES, Maria da Conceição Silva; VIEIRA, Ana Letícia. **Preconceito e resistência: o que nos dizem as pessoas trans sobre práticas políticas curriculares cotidianas**. Revista Espaço do Currículo, v. 9, n. 3, 2016.

SPIZZIRRI, G., EUFRÁSIO, R., Lima, MCP *et al.* **Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil**. *Scientific Reports*. V. 11, n. 1, 26 jan. 2021. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-021-81411-4#citeas>. Acesso em: 30 ago. 2022.

TAVARES, Raylton Carlos de Lima; SOUSA, Rosângela do Socorro Nogueira de. **Discursos sobre a criminalização da homofobia e da transfobia no portal de notícias o antagonista**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 61, p. 419-434, 2022.

*Transrespect versus Transphobia Worldwide (TvT)*. TvT Project. 2016. Disponível em: <https://transrespect.org/en/about/tvt-project/>. Acesso em: 15 out. 2023.

*TvT research project. Transrespect versus Transphobia Worldwide*. 2021. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>. Acesso em: 15 out. 2023.

ZAKARIA, Mohammad; HALIM, Asma; SUHOR, Madya. **Reaksi Responden Dalam Kalangan Transgender Dan Transeksual**. *Jurnal Ulwan*. p 159-169, 2019.

## ANEXOS

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** BARREIRAS ENFRENTADAS PELA POPULAÇÃO TRANS NO ACESSO AO MERCADO DE TRABALHO

**Pesquisador:** Pedro Gonzaga

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 68875123.9.0000.5601

**Instituição Proponente:** UNIDAS SOCIEDADE DE EDUCACAO E CULTURA LTDA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.087.965

**Apresentação do Projeto:**

O projeto visa investigar as barreiras encontradas por pessoas trans na busca pelo trabalho.

**Objetivo da Pesquisa:**

Investigar quais são as barreiras para a inserção no mercado de trabalho enfrentadas pela população trans no município de Ariquemes/RO

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os possíveis riscos que podem ocorrer com os participantes são: cansaço, constrangimento, desconforto, as perguntas podem desencadear lembranças que causem desconforto, reflexões sobre a vida, sexualidade, família e trabalho. Outras questões podem surgir como, medo, vergonha, além de desconforto com a gravação e o medo do não anonimato.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa possui mérito, pois visa evidenciar as barreiras enfrentadas pela população trans quando saem para encontrar trabalho.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresentados conforme as normas vigentes.

**Endereço:** Avenida Machadinho, nº 4.346, Bloco B, Sala 03  
**Bairro:** SETOR 06 **CEP:** 76.873-630  
**UF:** RO **Município:** ARIQUEMES  
**Telefone:** (69)3536-6600 **Fax:** (69)3536-6203 **E-mail:** cep@unifaema.edu.br



Continuação do Parecer: 6.087.965

**Recomendações:**

As recomendações sugeridas foram atendidas.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As pendências apontadas foram atendidas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2116139.pdf	03/05/2023 10:23:02		Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_1.pdf	03/05/2023 10:22:43	Pedro Gonzaga	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_2.pdf	03/05/2023 10:22:20	Pedro Gonzaga	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO.pdf	03/05/2023 10:21:48	Pedro Gonzaga	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTOS_LIVRE_ESCLARECIDO_RESPONSAVEL.pdf	03/05/2023 10:21:35	Pedro Gonzaga	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_2.pdf	03/05/2023 10:21:03	Pedro Gonzaga	Aceito
Outros	CRONOGRAMA_.pdf	18/04/2023 15:03:46	Pedro Gonzaga	Aceito
Outros	PERRGUNTAS_ENTREVISTA_.pdf	18/04/2023 15:02:20	Pedro Gonzaga	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTO_INSTITUCIONAL_S ENAI_.pdf	18/04/2023 15:01:14	Pedro Gonzaga	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTO_INSTITUCIONAL_S ENAC_.pdf	18/04/2023 15:01:00	Pedro Gonzaga	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	CONSENTIMENTO_INSTITUCIONAL_UNIFAEMA_.pdf	18/04/2023 15:00:47	Pedro Gonzaga	Aceito

**Endereço:** Avenida Machadinho, nº 4.346, Bloco B, Sala 03  
**Bairro:** SETOR 06 **CEP:** 76.873-630  
**UF:** RO **Município:** ARIQUEMES  
**Telefone:** (69)3536-6600 **Fax:** (69)3536-6203 **E-mail:** cep@unifaema.edu.br



Continuação do Parecer: 6.087.965

Ausência	CONSENTIMENTO_INSTITUCIONAL_UNIFAEMA .pdf	18/04/2023 15:00:47	Pedro Gonzaga	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTO_DE_CEDENCIA_D E_DADOS_JOVEM_APRENDIZ_.pdf	18/04/2023 14:57:24	Pedro Gonzaga	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	11/04/2023 00:18:20	Pedro Gonzaga	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ARIQUEMES, 29 de Maio de 2023

---

**Assinado por:**  
**MATHEUS MARTINS FERREIRA**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Avenida Machadinho, nº 4.346, Bloco B, Sala 03  
**Bairro:** SETOR 06 **CEP:** 76.873-630  
**UF:** RO **Município:** ARIQUEMES  
**Telefone:** (69)3536-6600 **Fax:** (69)3536-6203 **E-mail:** cep@unifaema.edu.br

## ANEXO B – FORMULÁRIO INSTITUIÇÕES



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA- UNIFAEMA

PORTARIA MEC DE CREDENCIAMENTO Nº 1.076, DE 31/12/2021

## FORMULÁRIO INSTITUIÇÕES

1. Nome
2. Com qual identidade de gênero você se identifica?  
**Cisgênero:** identifica-se com o gênero de nascimento.  
**Transgênero:** não se identifica com o gênero de nascimento.  
**Não Binária:** não se identifica com nenhum gênero.
3. Você tem interesse em participar da pesquisa intitulada "Barreiras enfrentadas pela população trans no acesso ao mercado de trabalho"?
4. Se você respondeu, sim, deixe aqui seu telefone para entrarmos em contato caso seja selecionado(a).
5. Deixe aqui seu e-mail.

## ANEXO C – PERGUNTAS ENTREVISTAS



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA- UNIFAEMA

PORTARIA MEC DE CREDENCIAMENTO Nº 1.076, DE 31/12/2021

**Grupo Escola:**

- Em que fase da vida acredita ter se dado conta que não se identifica com o gênero biológico?
- Como foi na escola o processo de transição?
- Como os colegas reagiram a transição?
- Como os professores reagiram a transição?
- Quais as mudanças você percebeu?
- Conseguiu concluir o ensino médio?
- Como foi a vida após concluir a escola?
- Conseguiu completar os estudos antes dos 18 anos?

**Grupo Família:**

- Com quem você morava na época da descoberta/transição de gênero?
- Quem do seu ciclo de convivência ficou sabendo da mudança de gênero?
- Como a família reagiu a mudança?
- Houve aceitação por parte dos familiares em relação a mudança?
- O que mudou dentro de casa com a transição?

**Grupo Trabalho:**

- Conseguiu acessar o mercado de trabalho como uma pessoa trans?
- Acredita ter perdido oportunidades de trabalho por ser trans?
- Quando tempo levou para conseguir o primeiro emprego?
- Era um emprego informal ou formal?
- Quanto tempo costuma permanecer em um emprego?
- Como era o relacionamento com os colegas de trabalho?
- Como era o relacionamento com a chefia?
- No trabalho, respeitavam seu gênero de identificação?
- Usava a roupa apropriada com o gênero que se identificava?
- Era chamada por seu nome social?
- Como se sentia no trabalho?
- Acredita que seu trabalho era valorizado?



## CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA- UNIFAEMA

PORTARIA MEC DE CREDENCIAMENTO Nº 1.076, DE 31/12/2021

- Podia utilizar o banheiro no qual se identificava com o gênero?
- Como era o dia a dia no trabalho?
- Trabalha ou já trabalhou com atendimento ao público?
- Como era tratada diariamente no atendimento?

### **Grupo Políticas Públicas:**

- Possui um nome social?
- Conseguiu documentos com o nome social?
- Como foi a adaptação com o novo nome social?
- Todos os (as), chamavam pelo novo nome?
- Faz uso de hormônios para transição?
- Como era antes de começar a usar hormônios?
- Acredita que algo mudou após o uso de hormônios?
- Pensa já ter seus direitos recusados por ser trans?
- Acredita que perdeu oportunidades por ser uma pessoa trans?
- Quais acredita serem as maiores dificuldades enfrentadas para ingressar no mercado de trabalho?
- Tem conhecimento de políticas públicas voltadas a população trans?
- O que acredita que deva mudar nas políticas?

### **Grupo Geral:**

- Como foi a sua jornada de vida até aqui?
- Quais fatos foram determinantes na descoberta de seu gênero?
- Como foi a construção da sua nova identidade de gênero?
- Teve ajuda de pessoas seja familiar, amigos ou projetos na construção da identidade?
- Acredita que começou a ser tratada de maneira diferente após as mudanças?
- Pensa ter sido alvo de preconceito?
- Acredita que a atenção dada a você mudou após se identificar com um novo gênero?